



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA  
CAMPUS JI-PARANÁ  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL



EDELAINÉ MARIA OM ETEPÃRÃRÃ KARITIANA

KEREP ÕWÃ AOPIKA: a educação Karitiana antes da criação da escola

Ji-PARANÁ - RO  
2017



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA  
CAMPUS JI-PARANÁ  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL



EDELAINÉ MARIA OM ETEPÃRÃRÃ KARITIANA

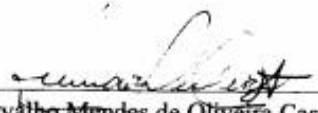
KEREP ÔWÃ AOPIKA: a educação Karitiana antes da criação da escola

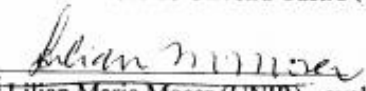
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação Intercultural, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Campus de Ji-Paraná, como parte dos requisitos para obtenção do título Licenciada em Educação Intercultural, Habilitação em Gestão Escolar, sob orientação da Professora Msa. Gicele Sucupira Fernandes

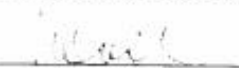
JI-PARANÁ- RO  
2017

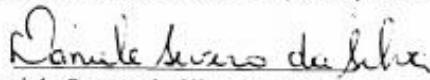
### Ata de Defesa de Monografia

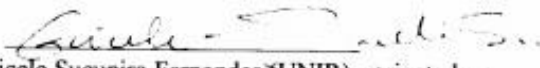
Aos seis dias do mês de fevereiro de dois mil e dezessete, reuniram-se na Escola Estadual Kywoã, na Aldeia Central Karitiana, as Profª Drª Lilian Maria Moser, Profª Drª Maria Lúcia Cereda Gomide (parecer escrito), Profª Msª Andréa Carvalho Mendes de Oliveira Castro (vídeo), Profª Daniele Severo da Silva e Profª Msª Gicele Sucupira Fernandes (orientadora) para proceder a avaliação do trabalho de conclusão de curso intitulado "KEREP ÔWÃ AOPIKA: a educação Karitiana antes da criação da escola" apresentado pela graduanda Edelaine Maria Karitiana. Os trabalhos foram iniciados às 11h sendo a acadêmica arguida pela banca examinadora por um período de 60 minutos. Após, o trabalho foi considerado APROVADO com nota 1,00. Nada mais havendo a tratar deu-se por encerrado o ato da defesa.

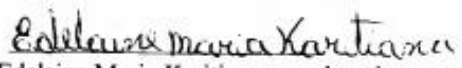
  
 Profª Msª Andréa Carvalho Mendes de Oliveira Castro (UFPR) - avaliadora

  
 Profª Drª Lilian Maria Moser (UNIR) - avaliadora

  
 Profª Drª Maria Lúcia Cereda Gomide (UNIR) - avaliadora

  
 Profª Daniele Severo da Silva (UNIR) - avaliadora

  
 Profª Msª Gicele Sucupira Fernandes (UNIR) - orientadora

  
 Profª Edelaine Maria Karitiana - graduanda

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço ao meu esposo Uziel Bezerra de Campos, meus filhos Marcos Mateus Kakin Karitiana Cinta Larga e Vitória Garcia Karitiana, meus pais Antônio Garcia N̄j N̄j ‘ Ĩ Karitiana (in memória) e Maria Rosa Garcia Pisap Karitiana, bem como toda a minha família e meu povo Karitiana.

Agradeço as missionárias do CIMI pela digitação do capítulo 1 do meu TCC. Agradeço as professoras e os professores do Intercultural Maria Lucia Gomide, João Carlos Gomes, Genivaldo Goés, Reginaldo Nunes, Carma Martini, Joaci Barboza, Luciana de Paula, Edinéia Isidoro, Cristóvão Abrantes, Kécio Leite e Vanúbia Sampáio.

Agradeço os mais velhos que entrevistei: Enedina Karitiana, Maria Rosa Garcia Karitiana, Francisco Delgado Karitiana, Waldemar Karitiana e Dirceu Valter Karitiana pela entrevista.

Agradeço a professora Gicele Sucupira, minha orientadora, pelo auxílio nesse trabalho.

## RESUMO

Ka Py'ejep aka nakat idoot yjpyt yjsota hadna. Ka hadna aka nakat ihadna keerep yjdirisoty hot ankatjã'ak yjkity.

Hot amkajã'ak yjki naakat yjsotaty yjnakyrotoki, yjsykyty, yjtity,yjsypyty, yjpy'eso aka tyym.

Yjsiin sokoroman yjtapytydn yjpy'esoty ho amkajã akaty. Aopika pirip na pypytydn õwã kida ta'an tim'a ako kiity.

Yjsota pirip yjtapytydn yjxa hot amkajã akaty , yjam pypytydn ty yjxa nampypytydnaj.

Ibodno ko podni a ki aka, osiip.

Tradução:

Este trabalho de conclusão de curso foi construído a partir de entrevistas sobre a educação tradicional realizadas com 5 pessoas mais velhas do povo Karitiana. A educação Karitiana trata sobre respeito, respeitar os mais velhos, conhecer e respeitar a família da gente, principalmente, o irmão. Desde pequena a pessoa vai aprender a conhecer e respeitar por meio dos conselhos e dos castigos, como passar osiip para os meninos e fazer meryrã [cesto] para as meninas. As crianças aprendem a conhecer e respeitar ouvindo os mais velhos e com quem sabe fazer. Assim, também aprendem a caçar, fazer artesanato, comida, a roça...Quando a pessoa aprender, vai ensinar o que aprendeu.

Palavras-chave: Karitiana; Conselho; Castigo; Osiip; Meryrã.

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	6
CAPÍTULO 1	
Eu, Edelaine Karitiana, o meu povo Karitiana e minha pesquisa.....	7
CAPÍTULO 2	
<i>Aopika</i> : o conselho.....	14
CAPÍTULO 3	
O <i>meryã</i> , o castigo e o conselho para as meninas .....	22
CAPÍTULO 4	
O <i>osiip</i> , o castigo e o conselho para os meninos .....	29
CAPÍTULO 5	
<i>Sypo Tagnga</i> : o surgimento do(a)s pajés.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43

## APRESENTAÇÃO

Escolhi o título *Kerep Ôwã Aopika* porque *Kerep* significa antes, *Ôwã* criança e *Aopika* conselho. Conselho foi a palavra usada por mim e pelas pessoas mais velhas para falar da educação tradicional. Elas também falaram: 1. *bysikna* para dizer memória, educar, falar, conversar, lembrar para pessoa, dar respeito; 2. *hotam kajã*, que significa respeito, 3. *pypyt*, que significa saber; 4. *pypydnipa* que quer dizer ensino e 5. *yiki*, para falar de educação e cultura porque significa algo que a gente era. Usamos o *y* para dizer eu, *yki* pra nós, nosso, algo nosso e *iki* para vocês.

Para este trabalho tinha como objetivos: conversar com os mais velhos para conhecer a educação tradicional do povo Karitiana, trazer os mais velhos para falar sobre educação tradicional do povo karitiana na escola e pesquisar mais sobre educação tradicional junto com as crianças da escola. Como mudei de área e tive pouco tempo para fazer a pesquisa, fiz entrevistas com 5 pessoas mais velhas da Aldeia Central e da Aldeia Bom Samaritano.

O texto foi escrito com as transcrições das entrevistas que fiz e algumas lembranças que tive. O texto foi organizado para juntar os mesmos assuntos. No primeiro capítulo, vou apresentar minha vida, meu povo e minha pesquisa. No segundo capítulo, vou contar sobre a importância do conselho, sobre o aprendizado e o respeito nas brincadeiras das crianças, e por fim, a importância do conselho e sua relação com a escola atual. No terceiro capítulo, vou contar do castigo e do conselho para as meninas. No quarto capítulo, apresento o castigo e conselho para os meninos. No quinto capítulo, vou contar as histórias sobre o surgimento do pajé. <sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Nota da orientadora: De modo geral, o texto é uma transcrição, portanto, manteve as repetições, os vícios e a informalidade da língua falada, com o fim de não descaracterizar a especificidade do trabalho. Gicele Sucupira.

## CAPÍTULO 1

### EU, EDELAINE KARITIANA, O MEU POVO E MINHA PESQUISA

Nesse capítulo vou falar um pouco da minha vida como Karitiana e como professora na aldeia, sobre o meu povo Karitiana e sobre a minha pesquisa.

#### **Eu, Edelaine Karitiana**

Eu, *EDELAINE MARIA OM ETEPÃRÃRÃ KARITIANA*, nasci na aldeia, hoje Aldeia Central do Povo Karitiana, no dia 15 de abril de 1975. Sou filha de Antônio Garcia N̄j N̄j ‘ Ĩ Karitiana (In Memória) e de Rosa Pisap Karitiana. Quando eu nasci a minha mãe cuidava muito bem de mim, mas quando comecei andar aí eu precisei de mais cuidado ainda.

Na minha infância eu gostava de brincar com a boneca que meu pai e minha mãe compravam para mim e outros brinquedos. Também compravam roupas como calcinha, camisas, sapatinhos e brincos. Com 5 anos de idade o meu pai e minha mãe começaram a me ensinar a respeitar os mais velhos e os outros. Também me ensinavam sobre quem eram a minha família: tios, tias, primos, primas, avôs, avós, sobrinhos e sobrinhas. Assim, eu fui conhecendo a minha família.<sup>2</sup>

Em 1982 eu estava com 7 anos de idade, por isso, o meu pai e a minha mãe me matricularam na escola 04 de agosto da aldeia Karitiana. O estudo não era reconhecido. A gente estudava por estudar nesta mesma aldeia. Quando comecei a estudar na sala de aula, o professor não era da comunidade, era não indígena. Ele só ensina a disciplina de língua portuguesa, matemática, ciências, geografia e história. Mesmo quando eu estudava essas disciplinas, também a minha mãe me ensinava os trabalhos da menina como: lavar roupas, louças, varrer a casa e cuidar dos meus irmãos. Tudo isso eu aprendi com minha mãe. Na época que estudava passava muita dificuldade devido à falta de professor na aldeia. O professor que vinha trabalhar com a gente aqui na aldeia ficava um mês e voltava para a cidade. Não retornava mais. Todos os

---

<sup>2</sup> Escrevi esse texto antes de fazer a pesquisa. Aqui já falei um pouco sobre o conselho e sobre conhecer a família.



professores que vinham trabalhar aqui na aldeia faziam isso, o que nos prejudicou muito.

O professor que trabalhava na sala de aula me deixava de castigo de joelho no milho e batia com a régua porque não sabia escrever. Não deixava eu sair fora da sala para fazer xixi. A FUNAI era também quem contratava a professora que não ficava por muito tempo, pois era trocada com frequência por várias situações. Quem sofria eram nós crianças indígenas que repetíamos o ano com facilidade. Eu fui uma dessas crianças que viveu com essa realidade, que levou o meu atraso nos estudos. A gente passava até seis meses sem aula. Teve uma época que ficamos um ano sem estudar. Foi muito difícil tudo isso para meu povo.

Em 1994, a Secretaria Municipal de Educação – SEMED assumiu a escola e contratou uma professora muito boa, a Rosa Maria Onis de Araújo que tem formação em magistério, muito dedicada e esforçada em aprender sobre nossa cultura para entender o processo de ensino aprendizagem a partir de nossa cultura, nossos costumes e tradições. Foi com ela que nós Karitiana começamos a aprender a ler, a escrever e a conhecer as palavras e entender a leitura. Foi com ela que nosso estudo começou a ser reconhecido e começamos a saber em que nível de escolaridade a gente estava. Quando essa professora apareceu, melhorou o funcionamento da nossa escola. Eu estava estudando na 2ª série, eu tinha 14 anos de idade.

Com ela eu estudei até a 4ª série na época. A professora Rosa permaneceu com a gente por seis anos. Com a professora Rosa eu concluí de 1ª a 4ª série na cidade. Fui aprovada na prova da escola Padre Moretti e consegui o certificado de ensino fundamental. Assim consegui ter o certificado de 1ª a 4ª série com 20 anos de idade. Quando concluí o meu estudo de 4º ano ainda fiquei uns anos sem estudar, como todos os que concluíram comigo. A gente também nem sabia que o nosso estudo tinha valor, mas estudei, estudei e fui indicada pelo meu povo como professora e fui contratada.

Em 1995 o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) conversou com o Cacique e as lideranças da aldeia para realizar um trabalho de formação com os professores indígenas. Foi nessa ocasião que iniciamos o segundo ciclo do ensino fundamental, no sistema de supletivo modular, ligado a Escola Pe. Moretti. Em 1995, chegou uma professora Laura Vicuña Pereira aqui na aldeia Karitiana através do Conselho Missionário - CIMI para dar aula de 5ª a 8ª série. Em seguida, concluí a 5ª a 8ª série do

primeiro grau em um ano e meio. No mesmo ano, 1995, comecei a trabalhar na sala de aula com alunos de 1ª a 4ª série do primeiro grau. Fui contratada em 1996 através da Secretaria do Estado de Educação. Com 2 anos no trabalho pelo estado passei para a secretaria municipal de educação - SEMED porque o pagamento pelo estado não era em dia. Por isso, a diretora não indígena da escola me transferiu para o município.

Essa foi uma das conquistas do Núcleo de Educação Escolar Indígena – Neiro. Esse núcleo que refletia a política da Educação Escolar Indígena que se iniciava com responsabilidade dos Estados, via Secretarias Estaduais de Educação. O Cimi por meio de suas missionárias trabalhou com a formação dos Professores Indígenas na complementação do Ensino Fundamental, onde eu e os demais professores concluímos e assim damos sequência aos nossos estudos.

Senti muita dificuldade no início, pois não sabia falar muito o português e era difícil compreender o que a gente lia, e as professoras não sabiam falar nossa língua, mas eu queria que elas explicassem. Foi assim que as Professoras Laura V. Pereira Manso e Emília Altini contribuíram para a nossa formação. Eu estudei mais com a Professora Emília e concluí a 8ª série do ensino fundamental.

Depois que terminei essa etapa do estudo, fiquei muito tempo sem estudar. Eu tinha vontade, mas o ensino médio não tinha na escola da aldeia. Tive vontade de estudar na cidade, mas minha mãe não deixou e eu obedeci minha mãe. Ela me aconselhava e me dizia “*tenho medo de perder você minha filha*”. Com isso senti que minha mãe gostava muito de mim e ainda gosta de mim até hoje.

Logo em seguida surgiu um curso chamado Projeto Ensinar a Ensinar da Amazônia através da Secretaria Municipal - SEMED. Nos professores indígenas da escola 04 de agosto fomos convidados a participar desse curso em Porto Velho. Esse curso durou até 6 meses e nenhum de nós conseguiu concluir o ensino médio porque a gente tinha muita dificuldade de entender as explicações dos professores. Os anos foram passando e a Secretaria do Estado de Educação através do projeto Educação Escolar Indígena nos enviou o convite para participar do Açaí no município de Guajará-Mirim.

Chegou o momento de cursar o projeto Açaí I, proposto pela Secretaria da Educação – SEDUC. Em novembro de 1998 foi realizada a primeira etapa do Projeto Açaí em Guajará Mirim. Assim fui conhecendo outras etnias de cada povo. O Projeto Açaí me proporcionou melhor capacidade e conhecimento. Assim eu fui aprimorando a

minha experiência como professora do ensino fundamental para o meu povo. O Projeto Açaí é um curso de Magistério Indígena, de nível médio, e prepara professores indígenas para atender a demanda Escolar do seu povo. Tem a duração de cinco anos. Com esse curso eu concluí o Ensino médio.

Ao terminar o ensino médio, todos os formandos ficaram um bom tempo sem receber o seu certificado de conclusão, por morosidade da Seduc, que executou o projeto sem ser aprovado pelo Conselho Estadual e com em várias falhas de conteúdos, carga horária, metodologia, no quadro de profissionais, etc. A formatura foi realizada em Guajará – Mirim/RO no ano de 2007. Concluída esta etapa de ensino médio fiquei mais um tempo sem estudar. Fiquei aguardando o *Curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural*, proposto pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR. A gente somente participa nesse curso após um vestibular. Inscrevi-me no primeiro vestibular e reprovei. Também reprovei no segundo, foi uma boa experiência, porém não desisti. Enfrentei o terceiro vestibular e passei. Fiquei muito feliz, emocionada, porque vou estudar na UNIR. Fiquei aguardando a chamada para minha matrícula. A Unir informou a coordenadora da Educação Escolar Indígena da Seduc que me comunicou a data da minha matrícula. Fiz minha matrícula e fiquei aguardando o momento da realização da primeira etapa do *Curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural, no Campus de Ji Paraná*.

Ao iniciar o *Curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural, no Campus de Ji Paraná*, fui sentindo o quanto de conhecimento ia adquirindo e tornando-me uma profissional mais capacitada e assim poder responder para minha comunidade/povo Karitiana o que esperam de mim a serviço da comunidade e do meu povo. Nunca tinha pensado que um dia chegaria cursar o curso de nível superior e ainda na unir.

Assim fui crescendo com esforço. Com o apoio da comunidade e de muitos amigos e amigas que estou construí o meu trabalho de conclusão do *Curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural, no Campus de Ji Paraná*.

## **O Povo Karitiana**

O meu povo é da etnia Karitiana. O filho de Deus, Otada, teve um filho, o neto de Deus. Otada apresentou o filho para Deus Botyj, que perguntou qual o nome dele, o neto. Otada disse Botyj Deus disse não coloque o nome dele de Botyj porque eu sei que sou poderoso. Coloque Byyjyty. Byyjyty é neto de Deus. Byyjyty pediu que os homens cortassem os cabelos. O corte de frente e de trás formou os homens e o corte do lado das faces transformou-se em mulheres.

Depois de cortar o cabelo, ele não falou nada. Saiu e foi pro mato levando o cabelo. Colocou e deixou no pé de *tucumã*, *gopatoma*, *juký* e outros. Assim foi distribuindo o cabelo aí retornou em silêncio. Depois um homem foi caçar e ouviu que todo mundo está alegre no mato fazendo festa tradicional. O homem não sabia o que era a gente. Voltou correndo para aldeia e disse: - 'Lá no mato ouvi muito barulho. É 'opoko'.' Byyjyty foi lá e viu o que era. Aí convidou o pessoal dele para tomar chicha junto. Onde Byyjyty ficou manso, onde ele não fez chicha virou curupira, que como sangue de gente. Aí surgiu o povo Karitiana. Daqueles que tomaram chicha com Byyjyty. Surgindo assim a língua tupi arikém, falada pelo povo Karitiana.

A história do povo Karitiana é marcada por vários períodos desde o momento do contato com a sociedade não indígena. Antes do contato o povo Karitiana habitava uma extensão de terra entre os rios Jamari e rio Candeias, onde atualmente se localizam os municípios de Arquimes e Candeias do Jamari. O povo fugia para as matas evitando o contato com a sociedade não indígena.

No século XIX, época em que os Karitiana tiveram o contato na região amazônica que compreendia quase toda a região norte passava por grandes transformações. O atual estado de Rondônia desde 1879 foi explorado pelos seringueiros, principalmente, o vale do Jamari. Neste habitavam os grupos indígenas do tronco tupi arikém, entre eles outras etnias. Viviam em lutas contra os seringueiros. Muitos dos povos que habitavam essa região foram inteiramente dizimados, como, por exemplo, os Ariquemes, possivelmente, falantes do tupi ariquem. Dai em diante persistiram os conflitos com os seringueiros que invadiam o território do povo Karitiana em busca de riquezas naturais.

Os Karitiana não fugiam a regra deste conflito e confronto com os seringueiros. O contato com os seringueiros para os Karitiana representou o começo da escravidão, do trabalho para os seringueiros. Depois de muita luta e resistência dos Karitiana, os

seringueiros mudaram sua postura em relação aos indígenas. O homem não indígena começou a presentear, dar brindes aos indígenas. Isso fez com que os indígenas começassem a confiar nos não indígenas. Nos seringais houve troca de favores. Isto é, os indígenas começaram a trabalhar na extração da seringa. Daí para frente só foi uma questão de tempo para que o povo Karitiana entrasse em contato direto com a sociedade não indígena. Com os vários ataques sofridos durante os primeiros contatos, o povo Karitiana foi acostumando com a outra cultura e levando questionamentos para sua própria cultura.

## **A Pesquisa**

A primeira entrevista foi feita com a Maria Rosa Karitiana, na aldeia Bom Samaritano à noite. Pensava que falariam a mesma coisa. Falaram do jeito delas. A Enedina viu como era. Era diferente do que minha mãe falou. Fiquei admirada como era antes. Não sabia. Achei muito importante. Foi mais fácil fazer com a minha mãe. No dia seguinte da entrevista com a Maria Rosa, foi feita com a Enedina Karitiana na aldeia central durante à tarde. Enedina é minha tia avó e é a mulher mais velha da aldeia central. Com as duas eu fiz duas entrevistas, em outubro e em dezembro.

Com outros foi mais difícil ainda. Eu ia pra aldeia e não os encontrava. Quando ia pra cidade, eles iam pra aldeia. Até que enfim consegui a entrevista. Antes conversei com meu tio Francisco dizendo que queria fazer entrevista e ele dizia: - "Está bom, sobrinha vem outro dia." Eu ia no outro dia, mas ele estava no roçado. Depois, ele foi pra cidade. Demorou para fazer a entrevista.

Depois dele, fiz com o meu tio mais velho, o Waldemar. Esse não pára. Aí conversei com a minha tia, mulher dele: - "Eu quero fazer entrevista." Ela disse: - "Teu tio não para, só fica trabalhando." Aí ela conversou com ele. No outro dia ele não estava mais, estava pra cidade. Ai depois fui atrás dele e conversei com minha tia. Ela disse: - "Está ai trabalhando dentro de casa." Aí eu disse que quero fazer entrevista com ele. Aí ela foi lá conversar com ele e ele aceitou. Foi tomar banho e estava me esperando deitado. Ele ficou deitado durante a entrevista. Conteí que ia fazer entrevista com ele sobre como era a educação. Conteí a minha história sobre o meu trabalho: - "Isso daqui eu vou escrever, transcrever." Ele gostou. Disse: - "Isso sobrinha. É assim que a gente

vai ajudar, né." Está certo ele. Com isso dai a gente vai ajudar, como educação que deve dar para as crianças. Na escola tem que dar conselho pras crianças também pra ajudar os outros.

O meu tio Waldemar quando falou comigo ele estava dando conselho, ele não estava falando com as outras pessoas. Ele sempre me dizia que era assim que eu também deveria fazer com minha filha, meu filho. Ele me deu conselho e não apenas entrevista.

O Dirceu Valter é agente de saúde, é mais fácil de encontrar ele que fica mais na aldeia do que na cidade e no roçado ele não demora muito. O pessoal precisa dele e ele está lá sempre. Conversei com ele, porque sou muito chegada com a mulher dele, minha tia.

As entrevistas foram traduzidas e transcritas por mim com o auxílio da professora Gicele.

## CAPÍTULO 2

### AOPIKA: O CONSELHO

Nesse capítulo o(a)s mais velha (o)s vão falar sobre a importância do *aopika*, do conselho para as *õwã*, as crianças e filha(os). Os mais velhos me falaram sobre não fazer barulho, sobre o respeito com os mais velhos e que deles tem que ter medo e vergonha. Não é qualquer pessoa que dá conselho como explicam o(a)s mais velho(a)s. Primeiro é a mãe, depois o pai. A família ou uma pessoa mais velha também dão conselhos. As vezes, o conselho é para todos juntos e as vezes é individual. A pessoa que dá conselho tem que ser uma pessoa que faça coisas que não são erradas. Quando se dá conselho, se fala tudo que a pessoa fez errado e diz o que é para fazer. A pessoa também tem que ter vergonha do pessoal mais velho.

#### **Aopika**

Quando perguntei o como era a nossa *kerep yjki* (educação/cultura de antigamente) para o meu tio Dirceu Valter, ele me respondeu: - " A gente não deixava a criança. A gente *õwã opika* (dava conselho) desde pequeno sobre as coisas que é *hãrāj* (bom). Não deixava criança andar à noite. Andar na casa dos outros. Não deixava sair perto da gente. Por isso obedeciam a gente. Se ficar longe, não obedecem. A gente não podia brigar na frente da criança, fazer besteira.... Se fizer, a criança aprende. A gente tem que só falar as coisas boas e ai a criança aprende as coisas boas. Assim que a gente dá conselho pra criança. A mãe que dá conselho. Quando passar por cima da mãe, ai que o pai vai por cima dele[...]. Dá conselho e ai a criança escuta. Não pode estar brigando. Estar falando besteira senão ele vai *yjaka ataka ot õwã* (pegar o ritmo da gente, *yjaka* = tem e *ataka ot* = pegar e cair. Ritmo como na música) . Se a gente viver bem, ela vai pegar o ritmo que a gente vive. Assim tu vai fazer pro teu filho. Tu vai ensinar como viver, como conhecer a família dele, irmã dele, prima, prima de longe. Ai ele vai conhecer a família dele. [ Não pode namorar com prima de perto] Desde criança tem que ensinar da família dele. Ai que vai conhecer a família dele. Conhecer a pessoa que não é nada pra ele, não é parente. Assim que é a educação pra gente. A gente não pode deixar a criança levantar enquanto a gente está dando conselho. Quando levanta é

asywytignã (teimosa). Tem que ficar sentado. Assim que ele conhece. Se a gente não ensinar desde pequeno a criança não vai conhecer e vai pensar que não é nada. Assim que é educação (falou em português) pra nós. Quando o pessoal mandar fazer as coisas não é pra ficar com preguiça, tem que fazer o pedido das pessoas. Se pedir pra buscar lenha, tem que buscar. Respeita a irmã, o pessoal mais velho. Não é pra responder quando o pessoal mais velho falar de você. Assim eu falo pro meu filho desde pequeno por isso o meu filho me respeita. Assim que antigamente falavam pra gente: - 'Respeita irmã, o mais velho...' Tem um menino que fica safado e vai embora pra cidade. Vai embora de teimoso porque não obedece a palavra do pai, porque não dá conselho desde pequeno. Ai vai embora. Por isso tem que dar conselho. Desde pequena tem que passar remédio tradicional na criança. A gente não faz mais isso daí. A gente não faz mais isso não. Por isso a gente é tudo mole. Tem que passar remédio tradicional pra ficar forte. Antigamente a gente não comia tamanduá porque deixa a gente ficar preguiçoso. Antigamente era a gente que dava conselho pro filho da gente, não era outra pessoa não. Antigamente a gente não podia ter raiva do irmão da gente, nem abraçar, segurar a mão do irmão porque branco matava. Irmã com irmão. Não pode bater na irmã da gente. "

A minha tia Enedina, ao me responder sobre educação tradicional, também falou sobre o conselho: - "A gente conversava com a criança para respeitar os outros, dava conselho para brincar direito e não podia gritar nem fazer barulho. Antigamente a gente dava conselho para a criança para não ficar com raiva dos outros. Não podia fazer besteiras, assim a mãe e o pai aconselhavam a criança. Desse jeito a criança respeitava a gente. Se não desse conselho, a criança não respeitava. Quando a criança fazia barulho, gritava a gente conversava com ela. A criança quando já ia ficando grande fazia comida, buscava água, varria a casa varria quintal e capinava o quintal. A criança acordava bem cedo. A criança não podia acordar tarde. Se a gente não falasse com a criança não tinha respeito com o pai e mãe. A criança respeitava a mãe e o pai.' [...] A mãe falava pra não ficar com raiva das pessoas mais velhas, não responder os mais velhos. A gente, os pais, dávamos conselhos para os nossos filhos. Eles ouviam nossos conselhos."

Sobre fazer barulho, ela explicou: - "Assim aconselhávamos antigamente as crianças. Não gritar, não fazer barulho. Se estavam perturbando e os bichos ficavam furiosos, principalmente, Deus. Assim era antigamente. É verdade aconteceu com meu irmão. Ele vivia fazendo muito barulho. O bicho daquela criança se sentiu perturbado e o flechou com a ponta de flecha no corpo. Vinha como doença, muita febre e não tinha



cura então chegou a óbito. Ele era adolescente, grande alto e forte. Não era como adolescentes de hoje. Ele era solteiro e adolescente. Meu finado irmão Kyorojñ era prometido. Após ele perturbar os bichos, faleceu de doença. Assim que os bichos faziam com quem fazia barulho. Começando com esquizofrenia. Assim os bichos matavam aos poucos. Por isso aconselhávamos as crianças não ficarem danadas."

Perguntei para o meu tio Waldermar como era educação tradicional e ele me disse: - "Respeitar os outros, não ficar brigando, não fazer intriga, ficar direito com os outros. Os que respeitam os outros não ficam brigando com outros, não. Como eu vivia com meu irmão. Não fica com intriga com os outros, com o mais velho. Não fica fazendo mal pros outros. Assim que eu vivia com o meu irmão. Quando a pessoa falava errado, tem que dar o conselho pro irmão da gente. Se ele fica com raiva do outro, um da conselho pro outro. 'Não pode fazer isso...' Assim que é o mais velho. Assim que fiz com meu irmão. Meu pai falava pra gente: - 'Você tem que viver bem com seu irmão.' Eu falava pro meu irmão. Assim tem que viver com os outros. Conversando e dando conselho pro outro. Assim que é educação, respeitando os outros."

### **Brincadeiras para crescer com o conhecimento**

Quando falava sobre respeito, o meu tio Dirceu Valter me disse: - "Entre eles, os meninos, podem brincar, conversar... Eles, os homens mais velhos, conversam entre eles. A nossa brincadeira antigamente era com palha. Os meninos faziam macaco, amarravam palha, faziam rabo, cabeça, faziam passarinho, porco.... Depois faziam como uma casa, colocavam em cima da arvore pra flechar. Faziam flecha de palha.."

Enedina disse que meninos e meninas brincavam separados, mas o meu tio Francisco Delgado falou: - "Brincava todo mundo junto. Menina e menino. Chamava todo mundo. Brincava de caçar. Brincava como casado. Os homens fazem tipo caça de folha. Amarravam como macaco e colocavam no galho pra flechar. Meninas brincavam de casa. Faziam uma casinha pra esperar o macaco. Um rapaz maior brincava com eles. Assim que a gente brincava na aldeia Pyotip. Matávamos piabinha para brincar."

O meu tio Dirceu Valter também falou que brincavam todos juntos, mas também uma hora menino brincava de caçar e menina de cozinhar: - "A menina fazia brincadeira de assar macaxeira, fazer pamonha. Eles pegavam madeira e uma pedra como pilão pra

pisar milho. Em cima dessa madeira fazia pamonha. Os meninos iam pro mato matar peixe. Ai quando eles chegavam tinha comida pra eles comerem. [Faziam pamonha de verdade pra comer] A mãe da gente fazia paneiro pra gente brincar. E o pai fazia a colher de pau pra socar, pra brincar...Fazer chicha. A mãe fazia rede pra gente brincar. [...]A gente brincava todo mundo junto antigamente. Antigamente a gente era nu. Não tinha roupa antigamente. A gente não usava. Pra gente era normal. Não ficava olhando no outro não. Nós não pensávamos assim em namorar. Antigamente não era assim por isso que a gente brinca tudo junto."

Maria Rosa me disse: - "Antigamente as crianças, os homens cortavam o pé de banana e colocavam em pé. Ali que eles flechavam. De verdade. *Taso sota* [os homens adultos] flechavam numa flecha normal, mas as crianças flechavam com flechavam com poj. As crianças pegavam cipo e faziam formas de animais para flechar como porco, anta...Colocava em pé e deixava lá pra flechar. As meninas faziam comida, assavam batata, faziam as coisas e depois que aprontavam, davam a comida pro irmão. Assim que as meninas brincavam. (poma)"

A minha tia Enedina também falou sobre a brincadeiras: - "Brincavam fazendo panela de barro. As meninas brincam entre as meninas. Os meninos brincavam fazendo arco e flecha, tala de palha entre eles. Os meninos faziam réplicas de animais e começavam flechas. Os adultos também entravam na brincadeira e começavam a flechar como os meninos. Os adultos ensinavam os jovens. Eles cresciam com esse conhecimento de flechar a caça. "

### **A brincadeira, o conselho e a escola atual**

Perguntei para o meu tio Dirceu Valter o que ele achava da educação agora, da escola e ele disse: - "Antigamente não fazia assim. Educação que a gente não fazia assim. Fazia paneiro. Não escrevia no quadro. Fazia cestinho de brincadeira, flecha de brincar. Assim que a gente aprende antigamente. Só na prática, brincando. Mulher faz o paneirinho, cestinho. O irmão dava brinquedo pra elas. Fazia colher de pau pequena pra elas. "

O meu tio Waldemar, que estava me dando conselho na entrevista, falou sobre o que conselho e a escola atual: - "A gente que dá conselho pra criança pra não estar brigando com os outros. Assim você vão dar a aula pras crianças. Crianças não esta estudando para ficar safado não, é pra respeitar os outros, pra nos defender. Assim a criança vai respeitar a gente. Não existia a escola antigamente. A gente ensinava a criança, dava conselho pra criança em casa. Agora tem como explicar dentro da escola. Vocês tem que dar o conselho pra criança na escola e ai a criança vai aprendendo. Não adianta só dar aula não. Tem que dar o conselho pra criança respeitar os outros. Vocês vão explicar pras crianças. Crianças vão aprender o conselho de vocês. Senão as crianças vão ficar safadas. Tem que perguntar pras crianças o que vocês querem. Assim a criança vai aprender. Vai pegar o conselho de vocês. Vocês não estão ensinando a criança na escola. Não é só dar aula, não. Tem que falar pra criança respeitar o pessoal mais velho. *Atykiri na pypynaj õwã* (Ai as crianças vão entender/ouvir que vocês falam). Assim a gente fazia antigamente. "

O meu tio Francisco também falou sobre a escola atual e o que deveríamos ensinar: - "O sabedor da escola está ensinando tipo português, mas tem que ensinar cultura, fazendo do tipo dos antigos. A pessoa que sabe fazer isso [ ensinar o menino a furar dente de macaco e a mulher fazer paneiro...] pode ser de cultura. Isso tem que ensinar para o menino. E assim a menina também"

Perguntei o que meu tio Waldemar achava da escola agora e ele disse: - "Eu quero que explique para as crianças dentro da escola. Enquanto estão pequenas tem que dar o conselho pra criança. Depois que crescer, não adianta mais. Não pode deixar a criança crescer sem conselho. É só minha mãe que me deu conselho porque não vi o meu pai. Antigamente, a pessoa mais velha não dava conselho direito pra gente, dava gritando. Por isso, a gente tinha medo das pessoas mais velhas. Tem pessoas que vivem bem. A gente tem que pegar os conselhos dessas pessoas. Se pegar as coisas que não prestam, faz coisa que não presta. Não pode pegar o conselho assim com qualquer pessoa. Não pode pegar o jeito dessas pessoas. Tem que pegar o conselho da mãe e do pai. Tem que crescer com o conselho da mãe e do pai. Com isso que a gente cresce. Assim também a gente faz com o filho da gente. Com o conselho da mãe eu cresci e passei para os meus filhos. O filho dele vai passar o conselho que eu passei pra ele."

Quando perguntei o que achava da escola não indígena, Maria Rosa Karitiana disse que mesmo não tendo aula como na escola também se ensinava: - "A nossa escola

era assim antigamente. Tem a pessoa que ensina. A gente ensina os alunos também. A aula é como atividade, como fazer balaio. Assim também a gente fazia antigamente. A gente não dava aula. A mesma coisa a gente fazia com essas coisas como balaio. Assim os brancos fazem na escrita. Ensinávamos chicha, paneiro, coisas que se ensinam." Minha mãe, Maria Rosa, usou a palavra *pypyt* que significa saber e *pypydnipa* que significa ensino para falar que antigamente mesmo sem escola, se ensinava.

As pessoas mais velhas que entrevistei sempre comparavam hoje com antigamente. Alguns me disseram que tinha que ensinar a educação tradicional para as crianças e dar mais conselho. Meu tio Waldemar, por exemplo, disse: - "Antigamente não era assim. Se eles não recebem conselho eles são assim agora, que pensam em homem, pensam em mulher, pensam em namorar. Pensam assim se a gente não dá conselho. Antigamente a gente não chegava com a mulher. A gente chegava pra noiva da gente. Por isso que a gente casava. Só depois de casado tem que mexer com a mulher. Não mexia mulher antigamente não. Antigamente a gente casava virgem. Todo mundo antigamente. Agora a gente não está casando virgem porque namora escondido. Só com o noivo da gente pode mexer. Não pode mexer sem prometer não. Só depois de casar. A gente não pode mexer em mulher longe. Só quando está casado. Só mexi quando casei. Assim eu fiz minha mulher. Por isso a gente não casa mais virgem agora. Não é mais assim não. Hoje a mulher é de qualquer jeito. Não sabe com quem tira virgindade. Não sabe quem tira virgindade dela. Você não vai deixar tua filha ficar assim não ."

Ele me deu conselho também.

### **As pessoas que dão o conselho**

Sobre as pessoas que dão conselho, meu tio Waldemar explicou assim: - "Pai, mãe, avô paterno e materno dão conselho pra gente sobre respeitar o avô, o tio.... A gente que dá conselho pro filho da gente, não é outra pessoa que dá conselho, não. Assim que a gente fica com vergonha do pessoal mais velho. Se a gente não ficar com vergonha do pessoal mais velho não é certo, não. Tem que ficar com vergonha."

Minha mãe também falou sobre quem dá conselho: - "Quem dá conselho primeiro é a mãe, mas se o menino passar do limite da mãe aí a mãe fala pro pai que o menino não está obedecendo então o pai é mais grosso que a mãe. Ele diz: - 'Você não pode fazer isso, não pode responder'. Se a criança fizer, é problema. Tem que dar conselho. Se não obedecer, fala pro pai, que dá mais medo e dá mais bronca - 'Você tem que respeitar os outros.' Pra nós se o meu filho mexeu com o filha das outras, se tirar cabaço, dá vergonha. Se fizer isso dá problema pra gente. O menino obediente pega o conselho do outro."

Também perguntei para o meu tio Francisco quem dava conselho para as crianças e ele explicou: - "É assim: a mãe que dá conselho primeiro pros filhos. Se passar por cima da mãe, aí o pai que dá conselho. A mulher do homem que fala pro marido: - 'Ôwe (palavra que mulher chama o homem), o menino está passando do limite e agora é tua vez de conversar com ele.' Aí o pai vai dar bronca nele. A gente que dá conselho pro filho da gente: - 'Não pode fazer isso, não pode ...não pode responder a mãe.' Fala sobre todas as coisas que fez. Se ele fez muito errado o mais velho da família fala com ele, uma pessoa que não faz errado. Pode ser tio, avô... Tanto homem como mulher. Não tem diferença não, sobrinha. O conselho não tem diferença. O tio dá conselho pra gente quando faz a família ter vergonha. Não são outras pessoas que dão conselho, não. É a família. Antigamente a gente não plantava poucas plantas: batata, mandioca, milho... Nós comíamos todos juntos. Por isso a gente mandava a irmã buscar comida no roçado. Não era como agora antigamente, não. Comíamos todos juntos. Eram todos alegres antigamente. As mulheres iam todas juntas pegar macaxeira e comida no roçado. Era assim que a gente vivia antigamente. Por isso que cada comida chegava na gente. Assim que a gente conhece o irmão da gente, o tio, o sobrinho. Hoje a gente não conhece mais. Não fala com sobrinho, prima... Não conhece mais a família"

A minha tia Enedina também falou sobre quem dá o conselho: - "O pai dá conselho para todos juntos, o pessoal mais velho também dá conselho, não é apenas individual. Hoje não faz isso mais por isso não obedecem o pessoal mais velho. Primeiro o pai dá o conselho sozinho, a mãe também. As mulheres mais velhas também dão conselho. Assim que é nossa cultura. "

Minha mãe também falou sobre o respeito com a pessoa mais velha e me disse assim: - "Você não pode responder, retrucar ou ser grosso com a pessoa mais velha que você. A mais nova pode. Antigamente a gente tinha que ficar com o conselho do pessoal

mais velho. A gente não fica com o pensamento da gente. *Yjkoro tyy yj kipadni keep.* [Eu não vou fazer o que eu quero] Por isso que a gente respeita as pessoas porque a gente fica com o conselho do pai e da mãe."

Perguntei para o meu tio Waldemar se a criança tem algum castigo, ele me disse: - "Tem. Quando a criança é muito respondona ai tem que bater na criança. Antigamente era assim, mas eu nunca fiz isso. Eu só dava conselho. Só pelo conselho eu explicava pros meus filhos, mas tem criança que é muito respondona. È assim antigamente."

Enedina me explicou que tem conselhos para meninas e para meninos, assim como castigos: - " Para a menina a gente falava que tinha que fazer comida. Agora para o menino eram outros tipos de conselho como não se aproximar de mulher. ". Os capítulos seguintes vão juntar as falas sobre a educação para as meninas e as falas sobre educação para os meninos.

## CAPÍTULO 3

### O MERYRÃ , O CASTIGO E O CONSELHO PARA AS MENINAS

Neste capítulo vou apresentar um pouco do que a(o)s mais velho(a)s falaram sobre a educação tradicional das meninas, sobre o castigo e o conselho, que estão sempre juntos e são o aprendizado das coisas que a meninas tem que fazer. Conhecer o irmão da gente, fazer chicha, comidas e algodão pra ele(a)s é o respeito que é ensinado nos conselhos que as pessoas mais velhas também dão às meninas.

#### O conselho para a menina

Quando perguntei como era a educação para as meninas, Enedina me disse: - "Antigamente era difícil a nossa yjki (cultura) Nesse tempo os meninos ficavam só com os meninos. Assim também as meninas ficavam só com as meninas. Antes as meninas não podiam engravidar."

Meu tio Valter falou que a mãe que dá o conselho pra mulher. Ele me disse:- "A mãe que dá conselho pra menina, sobre as coisas de mulher. O pai não entra no meio. Se não acreditar/obedecer da mãe, o pai vai entrar no meio.[...] Mulher a gente que dá conselho pra mulher. Fazer comida, fazer comida pro irmão delas. Falar sobre irmão dela. Respeitar o irmão dela. Quando a gente vir o irmão da gente não pode falar. Tem que falar 'Irmão'. Não pode chamar pelo nome. Assim que é o respeito. Hoje não chama mais irmão, chama pelo nome. A gente pode ver o irmão da gente fazer coisas erradas como namorar a mulher lá. A gente não pode falar dele. Isso é respeito. A gente tem que ficar com vergonha do irmão da gente."

Minha mãe também falou sobre o conselho que a menina recebia e o respeito com o irmão da gente: - "Antigamente não podia ser solteira. Não podia transar sem casar, nem engravidar, nem perder a virgindade. Não podia escolher o homem, nem o homem escolher a mulher. O pai que prometia e mandava casar. Tem que respeitar a mãe e pai. Tem que mandar casar. Antigamente não casava porque gostava. Não era escolha da mulher. [...]Antigamente a criança não perdia a virgindade solteira, não. O marido da mulher que tirava...A viúva casava com o marido de outra. A menina virgem também podia se casar com o marido de outra mulher. Nunca antigamente a menina ficou grávida solteira, mas agora não está como antigamente. Mudou muito. Só depois de casamento tem que tirar a virgindade. Agora não existe isso mais não. Está casando,

se junta. Antigamente, quando não tinha pai, o irmão que mandava casar. A gente que dá conselho pra menina, pra dar as coisas pro irmão dela. Pamonha assada, macaxeira assada..."

Enedina me disse que para as moças o conselho era diferente dos moços e me explicou assim: - "Era para não se aproximar dos homens e jovens. O conselho era para as meninas e por isso as meninas não se aproximavam dos homens [...]E a mulher era assim. Não respondia o esposo. As mulheres que serviam, respeitavam o esposo. As mulheres não deviam reclamar do esposo. As mulheres não deviam maltratar o esposo. A mulher não era superior ao marido, ela era inferior ao marido. Assim aconselhamos as meninas.[...]A mulher devia falar com seu esposo, fazer comida. A mulher não podia deixar de fazer comida. [...]Eu fui aconselhada na outra aldeia Pyotip (aldeia que não existe mais), rodeada de muita criança, jovens e moças ouvindo a palavra dos mais velhos. 'Faça chicha', falava o mais velho. Eu fazia chicha para irmão, tio e primo. Pedia para buscar água, a gente fazia. Era o nosso costume. Era muito difícil no nosso tempo.[...] A mãe da gente ensina a fazer chicha .Quem deixou isso pra nós é a mulher de Deus. Tobot, mulher de Deus do céu, Botyj. Fazer paneiro, *sepá*, balaio...tudo foi ela que ensinou e a mãe que ensina pra gente. A mãe da gente que ensina a gente se pintar e fazer algodão. Depois que a gente aprendeu a pintar, a gente mesma se pinta. [...] Assim que Deus Botyj deixou pra gente. Ele ensinou tudo e aí foi embora. A gente não faz mais o que ele deixou. Ele deixou festa da chicha, da caça, todas essas coisas ele deixou e a gente não faz mais. Deus disse: - "Eu vou embora. Vocês não vão esquecer as coisas que eu fiz pra vocês. Vocês continuem." Deus falou assim pra nós. A gente que fazia comida pra nosso irmão, dava comida pro nosso primo, tio. A gente assava pamonha, macaxeira e depois dava. Assim que a gente fazia antigamente."

Perguntei para Maria Rosa como a gente aprendia a fazer chicha. Ela disse: - "A gente aprende com a mãe da gente e faz junto. A mãe manda a filha fazer a chicha e vai acompanhando. Só mulher que faz chicha. Antigamente, a chicha não era de macaxeira. Agora estão fazendo. Antes fazia de milho, a chicha natural, de verdade. Antigamente a chicha de mandioca a gente falava que não podia tomar, falava que quando tomava ficava *panema* (não tem tradução) então não matava mais caça. Só homem. Agora toma normal. Assim aprende a jovem. "

Maria Rosa também em falou sobre como aprendia a fazer cesto e pintura: - "Mãe que mandava a menina fazer comida. Ensinava a dar comida pro irmão. Mandava



fazer chicha...Assim que a menina faz as coisas. Mandava cantar pro irmão. [...] A menina aprende com a mãe. Se a mãe não souber, o pessoal que sabe ensina a gente. Faz junto. A folha de palha fica no colo de quem está aprendendo e a pessoa vai ensinando. Assim também se ensina a fazer peneiro. Rede também. A gente faz junto. O mais pesado, o mais difícil é o cesto. Se a gente não souber, tem que continuar fazendo até aprender. Faz de novo outro até aprender. [...] Pintura a gente aprende olhando porque a pessoa que sabe pintar direito pinta a gente. Assim que aprende. "

Meu tio Francisco também falou sobre o que se ensinava a mulher a fazer: - "Tem mulher que faz peneiro e cesto. A mesma coisa é a mulher. Primeiro tem que fazer o 'ejyp wety '(nome de uma pintura corporal) depois tem que fazer 'ejyp wep i'(nome de uma pintura corporal). Todas as mulheres fazendo primeiro, depois todo mundo fazendo o 'ejyp wep i'" também. Que nem professor tempo\antigamente, também é mulher. O homem só faz arco e flecha e osiip." Ele explicou que também tinha mulher que sabia mais e ensinava outra mulher que ainda não sabia, como é o professora na escola hoje.

Quando perguntei se a gente aprendia adulta, Enedina disse que não, disse que a gente vai aprendendo desde grandinha [mostra uma altura de 1metro com as mãos]. Ela disse: - "Aprendendo a gente vai fazendo sozinha antigamente. Agora não é mais nada assim. Quando a gente é pequena, a mãe da gente ensina, manda a gente fazer comida, pamonha, chicha então a gente vai fazendo e vai aprendendo. A mãe ensina tudo. Plantar amendoim, milho... Todas as coisas a gente aprende pela mãe."

## **O Castigo**

Quando perguntei para minha mãe qual era o castigo da menina, ela me disse: - "Dar conselho, conversar com elas. Quando não obedecer tem que bater. Não podia deixar ficar andando à toa. Castigo de menina é cesto. Se ficar teimosa, para menina ficar parada faz cesto. Peneira é mais castigo. Balaio é só para ensinar e quando anda muito dá balaio pra fazer. "Perguntei a ela se tinha algum *osiip* para as meninas ou algum castigo parecido, ela disse que não sabia e que não tinha.

Enedina me explicou sobre o castigo e o aprendizado das mulheres: - "O castigo é mais pesado para mulher porque a gente antigamente nos não éramos assim. Agora a gente está casando com quem a gente quiser. Antigamente não era assim. Falávamos pra criança que não pode andar ou chegar perto do homem. Era obrigada a casar com pessoa que não queria. Mesmo a mulher não querendo casar tinha que casar [...] Para as jovens mal criadas, mal educadas o castigo para elas era fazer *meryrã* (peneiro para coar chicha feito pelas mulheres), *typypa* (cesto pra as mulheres). Era tarefa para elas fazerem. Os mais velhos entregavam palha de tucumã e diziam 'faça *meryrã*' sem que ela soubesse que estava sendo castigada [...] A mãe não ensinava a fazer, só entregava e dizia 'faça' e ia embora. Ou dizia: - 'Não sei. Outra mulher vem pra ajudar. Ela que dará instrução'. [...] Agora para o menina a gente fala para não chegar perto do homem, se não vai se formar, tirar virgindade quando é solteira. Se fizer isso a gente vai levar para castigar. Num buraco para fazer *osiip*. Num buraco de marimbondo. A criança fica com medo e não faz. Antigamente não tirava virgindade antes de casar. Quando a criança é teimosa pode bater com cipó. Se não conseguir fazer paneiro ou outras tarefas que mandam batem na mão e na cara com a mão."

Também perguntei para o meu tio Francisco e ele disse: - "Tem. O castigo da menina é formiga. A formiga ardida. Se a menina ficar safada manda colocar a mão da menina dentro. Manda fazer algodão, rede, balaio e cesta. Não é porque está com raiva. Eles mandam fazer pra elas sentarem. Isso que é castigo. Faz sentar e as meninas não andam não."

Enedina me disse : - "Se a gente é muito teimosa, muito mal educada ai a mulher mais velha vai pro mato e pegar as coisas para dar castigo. Pega alguma coisa para fazer. Folha, talha de palha para pintar e manda fazer peneiro, mereyrã (objeto para coar). É castigo mandar fazer. Isso é castigo pra nós. Ela manda a menina fazer. Esse castigo é só para mulher, quando responde, ai manda fazer. Isso não é de homem. O homem faz é paneiro, arco, flecha, epa, pilão, colher grande.. Tudo é de homem." Maria Rosa também disse que furar dente de macaco, fazer arco e flecha é trabalho de homem.

Meu tio Francisco também falou que o castigo das meninas é fazer cesto e disse que tem cestos mais difíceis, cestos grossos e cestos finos. Ele me falou assim: - "Quando a gente é safado não é assim, não faz isso. Se a gente é safado\mal educado a gente apanha. Ficar à toa, fazendo nada. Isso não é respeito. Se fizer algo escondido, coisas que não gostam, apanha. Se ela falar pra gente, a gente está sabendo. Conta então

não apanha. Se faz escondido, dá castigo pra menina, não deixa levantar e deixa pra fazer balaio e cesto. Isso é castigo. Castigo mesmo é o peneiro. Um peneiro fino e o peneiro grosso. Cada tipo de desenho. Não pode nem ficar safado. Vi o castigo da minha mãe. Ela teve que fazer *meryrã*, peneiro. É como escrita grossa, escrita fina. Paneiro grosso e paneiro fino. A minha avó castigou a minha mãe."

### **A relação de irmão e irmã**

Quando perguntei o que é *hot am Kaj ak*, o meu tio Francisco disse: - "Eu tenho tio, mãe...Tem que conhecer, *hot am Kaj ak* (respeitar). O homem quando tem família faz roçado grande e depois que terminar tudo faz o paneiro. Ai tá pronto. Milho grande dá pra colher. Faz um monte de paneiro e dá pra irmã, primo, prima.. Dá tudo pros parentes. Ai distribui. Avisa pra irmã que pode pegar. Só as mulheres que vão colher. Ele faz o paneiro para colher. Colher só pra comer. O irmão que manda pegar pra comer. A família faz comida, pamonha, chicha...Depois que pegar tudo, cada pessoa que ele deu, que foi no roçado, dá coisa pra ele comer: chicha, pamonha, canjica.... Dá tudo. Assim que a gente sabe quem é família da gente, conhece e respeita. As irmãs que faz primeiro, que dão as coisas que fazem. Depois quando estiver com fome, ela fala pro irmão dela: - 'Eu vou fazer chicha pra você.' A irmã pede pra ele: 'Vou fazer chicha pra você'. Pode ser irmão, tio...Canta, faz a *Ehet* (música). É o sinal que ela tá pedindo caça pra ele. Depois de terminar de fazer chicha, o irmão, de manhã cedo, vai pegar caça. Se for bicho pequeno, só mata 10. Se matar só porco, quem vale mais é a cabeça, porque porco é grande então mata só um. Se matar caça pequena 10 (10 em português). Como macaco. Se for porco *ihot pibotyt* (devolver) tudo . Dá só a coxa e a cabeça. Assim que é o respeito. Quando a gente *sodyp* (conhecer) o irmão da gente.

Maria Rosa me explicou que faz parte do conselho para a menina falar sobre o respeito e relação com o irmão. Assim ela me explicou: - "A mãe ensina a menina a cantar para irmão quando dava dar chicha. E o irmão cantava também como resposta. E depois que a menina der a chicha, ele vai contribuir caçando pra ela."

Sobre a música da chicha, minha mãe Maria Rosa disse assim: - "Se fizer chicha canta tipo cântico. Fica falando e o irmão fica respondendo. " A chicha terminou', Fica

cantando, falando sobre porco... Perguntei se só cantava sobre o porco, Maria Rosa, disse que disse. Ela disse: - "Quando terminar a chicha, ele vai matar. Chicha é que nem lama, como poesia que tem que cantar: - '*Meu irmão a chicha não presta, derrama o meu...*' O irmão responde: - '*Mesmo não prestando eu vou tomar...*' Chicha é como lama, vai derramando, vai tomando. [...] A gente tem que dar coisa pro irmão da gente. Assim que a gente dá conselho pra moça. Assim que a futura sogra faz com o futuro genro. O sogro canta pro genro, mas não dá chicha. É a mesma coisa que canta. Do mesmo jeito, mas não é a mesma música. Assim que a gente faz para o casamento, faz para o irmão. A gente faz o algodão pro irmão da gente. O irmão da gente dá *sysyno* pra nós fazermos algodão. Esse é o sinal que está pedindo algodão. *Sysyno* comprido é sinal que está pedindo rede. *Sysyno* menor está pedindo algodão. Eu tenho que saber. O pequeno é pra fazer dente de macaco, pra fazer colar de macaco, rede de macaco.... Se irmão dá *Sysyno*, tem que dar linha pra ele. Se irmão dá paneiro, tem que dar batata, pamonha... O sinal é ele quem dá pra gente. Irmão distribui o paneiro pra cada irmã e ele que planta batata (ohy) pra gente colher. Faz roçado grande e faz paneira para cada irmã [ mesmo depois de casado] O irmão leva a irmã pro roçado dele. [...] Quem fazia era o homem, não a mulher. Ele fazia paneiro pra irmã e pra mulher dele. Hoje mais a mulher que faz. Antigamente era diferente, era bonito/bom. Homem que fazia paneiro pra tirar batata. Depois que a gente vai pro roçado. Depois que aprontava a comida a gente tinha que dar pro irmão da gente. Meu sobrinho fez isso comigo nesses tempos. Foi bom. Me deu paneiro pra colher milho. Assim como antigamente. O irmão que fez o roçado e cada irmã vai trazendo pra ele, enche o cesto dele. Levam as comidas já cozidas. Antigamente a gente não podia responder o pessoal mais velho. Davam conselho pras crianças para não responder o pessoal mais velho. Hoje não dão mais conselho e ai estão assim agora. Não podia nem peidar na frente das pessoas. Era *sikpip* (falta de educação) . Nem peidar na frente do irmão ou perto senão tinha que fazer chicha. Nem o irmão peidar na frente da irmã senão tinha que dar caça. [...] O menino mata a caça. Tem que dar caça pra irmã. Não pode ficar sem dar a caça. Mesmo casado tem que dar carne pra irmã. Não pode ficar sem dar. Assim que era o respeito (português) antigamente. Respeito pra gente é *hot am kajá ak*. Assim que o irmão gosta da irmã. A anta tem que dividir pra todo mundo. [porque é caça grande] Antigamente o homem que não caçava não casava. Antigamente existia homens que não matavam caça, que se chamavam *Poharawa e Ponom*. Não conseguiam matar a caça então não casaram. "

Meu tio Dirceu Valter também falou sobre o irmão e irmã: - "Agora eu vou falar da menina. A irmã que fazia a comida pro irmão. Fazia comida e dava comida pro irmão. Quando o irmão dela fazia roçado, ela buscava comida no roçado. Tirava macaxeira. Quando a comida estava pronta, entregava para o irmão comer. Assim que é respeito (hot am kajã ak). A mesma coisa o irmão. Quando mata a caça, não esquece da irmã. Toda vez que mata a caça, dá um pedaço pra irmã. Assim que é a nossa yjki (cultura). Assim que a gente vivia antigamente. Isso que não tem mais hoje. Não existe mais. Assim também o pessoal mais velho que como eu, como meu irmão, os meninos mais novo respeitam. Antigamente, na frente dessas pessoas o mais novo não podia falar besteira, tinha que ter respeito. [...] A mulher fazia algodão grosso pro irmão. Tem que dar dois rolos. Algodão fino é homem, algodão grosso é mulher. Faz maceta.[Faz um rolo de algodão grosso, um rolo de algodão fino. É o mesmo algodão mas tem como fazer grosso e fazer fino] Ai o irmão dela mata a caça pra ela. Depois do irmão fazer tudo, ele vai caçar e matar caça pra irmã dele. Mata quatro caças e já termina a troca pelo algodão, como mutum...Se for porco, acaba com duas caças. Quando o irmão dá as coisas pra gente não é de graça. A gente dá as coisas pra ela, devolve as coisas que a gente dá. Se eu dou as coisas pra ela, ela faz coisas pra mim. Quando ela faz as coisas pra mim, eu mato a caça pra ela. *Kahyt naka at yjki keerep* (Assim era nossa cultura).

Dar a irmã para o irmão da gente casar também era respeito antigamente, como disse o meu tio Dirceu - "Antigamente a gente casava com a sobrinha da gente. Não é qualquer tio não. É só parte materna, o irmão da mãe. Desde pequeno a criança já tem noivo. Cresce sabendo. Assim que era antigamente. A gente não pode dar o nosso filho pra outra pessoa. Quando a gente dava a filha pra outra pessoa, o irmão da gente ficava com raiva da gente. O homem que não tinha sobrinha não casava. O tio da gente não deixava casar com outra pessoa. Só aqueles que tinham sobrinhas é que casavam."

## CAPÍTULO 4

### O OSIIP, O CONSELHO E O CASTIGO

Neste capítulo vou contar sobre o *Osiip* que é para o(a) mais velho(a)s a educação tradicional para o menino, é um castigo e também conselhos sobre como o menino deve fazer, sobre caçar e ser forte. As pessoas mais velhas me disseram que o menino aprende com o pai, o mais velho ou a pessoa que sabe. O menino precisa cuidar da irmã. O menino aprendia em uma casa separada da menina chamada de *akapa*.

#### Osiip

Quando perguntei para minha mãe Maria Rosa como era a educação antes do contato, ela respondeu: - "Antigamente a educação para o menino era *osiip* . Para o menino *hot am kajã ak* (respeitar) a gente é *osiip*. Antigamente, o menino não podia casar sem matar a caça, só pode casar depois. Por isso, tem que passar *osiip* para matar a caça. Depois que matar a caça, ele casa. Antigamente, a criança não pode *sikirip* (fazer coisa errada, ser safado]). Para criança não ser *sikirip* precisa passar pela *osiip*. Assim que a gente faz o jovem respeitar a gente. Assim que faz com a menina também. A educação vem de *yjpit* (Na gente ou de dentro). " *Ypit na yryt õwã bysykna*" ( Na gente que veio a educação das crianças). [Ao falar isso, Maria Rosa tocou no corpo e no peito]. Quando o menino é safado leva marimbondo, passa marimbondo em todos meninos. Pega ninho de abelha e bota no peito. Assim que se respeita os adultos. Não pode nem responder o mais velho.

Quando perguntei para o meu tio Francisco o que era o castigo do homem, ele disse: - "É caba. Abelha. Manda fazer arco e flecha. Agora as crianças não sabem fazer. O que tinha mais medo era caba antigamente. O homem que passou a prova, esse ai que chamou as pessoas pra fazer *osiip*: 'Vamos ir no marimbondo'. E ai todo mundo foi pra lá. Esse dai é aquele que passou. Ele que fica no meio pra levar o pessoal, diz : 'Vocês vão fazer isso. [ Ele é *sotá*, aquele que fez/passou] . A mulher não fica no meio, mas eu escutei que antigamente a filha do *Byit* passou antigamente. Só ouvi falar. Quando via o marimbondo ficavam alegres pra fazer. O homem fica no meio para os meninos não correrem. Esse ai é que é castigo mesmo. Eu não passei esse tipo de castigo porque

naquele tempo era pequeno. Quem passou foi meu irmão. Passou só um resto de *osiip*. O marimbondo não ferrou ele não. O pessoa mandou fazer flecha e arco como castigo. Essa pessoa que está mandando é caçador, é que mata mesmo e passou por tudo. Ele que manda que nem prova. Tipo prova da escola. (em português: prova *horot*). [...] Eles que ficam no meio, aqueles que passaram. Quando a gente vai na prova do marimbondo não pode correr. É bonito. O pessoal fica gritando. Os homens mais velhos e adultos ficam parados também. As crianças ficam gritando. De noite tem que cortar pra abrir beiju de caba e de manhã tem que lá pra tirar e passar no corpo. Ai caba ataca e as crianças gritam. "

Quando perguntei para o tio Dirceu Valter o que era o castigo dos meninos ele também falou que era *osiip* e explicou: - "*Osiip* é abelha, marimbondo. É tipo *sojoty* [cipó]<sup>3</sup>. *Osiip* que faz ser homem. Esse ai que dá respeito pra ele. Ai ele vira homem. O marimbondo é tipo soldado e não pode correr. A gente pega o negócio da abelha e coloca perto do peito. Se desmaiar, fica lá mesmo. Caído lá. Não pode correr. Quem fugir vai fazer de novo na próxima vez. Esse *osiip* que faz a gente ficar forte, ficar duro. Virar homem."

A minha tia Enedina, falou que os mais velhos participavam da *osiip* davam conselho e ensinavam a passar *osiip*. Ela me falou assim: - "Antes o homem passava marimbondo no corpo, na cabeça, no braço, na perna, para ficar cheiroso. Antigamente o jovem (*tossop it*) não podia ficar sem *osiip* para ficar cheiroso. Com esse cheiro o homem matava a caça com flecha. [...] Tinha homem mais velho para dar conselho e passar *osiipo* no corpo deles, apertando no corpo todo como se fosse massagem. Quando os meninos estavam passando *osiipo*, estavam gritando muito. Era muito sofrimento. Até meu filho era pequeno gritava, gritava muito, parecia que estavam morrendo.

---

<sup>3</sup> *Sojoty* é doença que fica tremendo, como epilepsia. Não pode comer óleo, mistura, nem água. Só chicha. Passa para o filho não ter doença. Enedina explicou que *sojoty* é tipo um *osiip*. E disse: Tem que canta sobre 'ep asodna'. Canta e a criança melhora. Esse ai que é nosso remédio antigamente. Passa esse remédio embaixo da arvore. Dorme embaixo do 'ep oket'. Esse 'ep asodna' é para doença. Quando a criança ou homem se tiver doença passa isso dai Mulher ou homem. [...] Para nós a Arara é sagrada porque ela é livre. Curica e papagaio também. Canta sobre papagaio, arara e curica. Canta assim: 'Vai embora doença.' Assopra entre as mãos e depois canta: Arara leva a doença. Urut Urut (imitação do som feito pela arara) vai fazer isso para salvar o meu filho. Urum Urum (imitação do som feito pela curica) vai fazer isso para salvar o meu filho. Cantando assim vai apertando a criança e passando o remédio tradicional.

## Música e comida para *osiip*

Enedina me explicou que tinha uma música para *osiip*: - " Cantavam musica especial para *osiip*. As crianças ficavam na frente e adulto atrás. Assim cantavam a musica do *osiip*. Eu não conseguia cantar, nem pegar beijú de marimbondo e por isso não deixava pegar beiju de marimbondo. Cada jovem pegava beiju de marimbondo no orifício, no buraco no tronco da arvore. [...]Passava o *osiip* em todas as parte do corpo. Os jovens ficavam todos sujos de *ossiip*.[...] Os jovens acumulavam os dentes superiores dos macacos que foram abatidos, colocando os dentes em um cinto. Assim os jovens eram considerados preparados para caçar. Os jovens que não concluíram a meta continuavam no *osiip*. Aqueles concluíram o teste final ficavam separados e prontos para caçar e casar. Assim que era antigamente. No pé de tucumã ficava cheio de dentes de macacos preto. Macaco velho no pé de tucumã."

Perguntei a Enedina sobre o que dizia a música do *osiip*, ela me disse:- "Fala sobre caça, sobre paneiro de homem para carregar caça... Canta sobre isso aí...Eu não consigo cantar porque me deixa cansada. Antes dele cantar ele precisa ajudar o *osiip*, o cipó, pega o *osiip sowantã*, depois de juntar todo esse *osiip* (planta) , juntar todo remédio, cozinhar. Depois disso é que tem que cantar. Tem *osiip* na aldeia e passa. Depois que passa canta sobre *osiip*. [ Enedina canta] A música fala sobre caça do macaco, macaco preto, nabu (galinha)...'*A gente vai trazer macaco no paneiro, mutum, macaco prego, nabu azul..*(música)'. Caçador mesmo é quem mata macaco. [...] Esse é só para caça, ser caçador, matar a caça...Assim que é a música da caça. *Rim Hyryjã* (música da caça) Tem que cantar sobre macaco, sobre mutum.... Assim tem que cantar. Só esse dai que eu sei cantar. Antes disso, depois que cozinhar, depois que cantar, tem que passar *osiip* no corpo todo, como massagem, tem que passar no corpo todo.Não pode ficar perto de mulher. Cada um fica separado, onde eles passam *osiip*. Eles matam a caça para eles comerem. A mulher nova que faz a comida deles. A mulher pura, que é virgem.

Minha mãe Maria Rosa também cantou a música da *osiip*. Ela me disse: - "Só sei o do *pyrok* (abelha) e da cotia. 'Cam Cam (som da cutia) vai fazer...'O homem mais



velho que fica cantando para o pessoal que está fazendo *osiip* também. É a música da Cotia. Quem sabe cantar é o teu tio.

Para *osiip* tem uma música e também tem comidas que podem comer, a comida específica feita pela mulher pura. Meu tio Francisco falou que não pode comer quando vai ter o *osiip*. Ele me disse: - "No dia anterior, dorme sem comer. No outro dia pode comer. Marimbondo preto não dói não. O que dói é o vermelho. O preto dói uns 30 minutos. O vermelho dói mais. Só pode comer milho torrado e chicha. Depois de 3 dias vão dormir no mata pra caçar e matam passarinho pra comer. As crianças não ficavam em casa não. As 6 horas da noite chegam e vão comer: pamonha, batata...Que pode comer durante o *osiip*: pamonha assada embaixo das cinzas, macaxeira assada, amendoim, *soj sara*..Comem as pessoas que estão sendo castigadas no *osiip*. "

Eu nunca tinha ouvido esse *soj sara* então perguntei ao meu tio o que era e ele disse: - "É tipo um mingau. Tipo canjica mas faz com milho misturado com amendoim. É a comida da pessoa que passa pela *osiip*. Assim que é castigo. A mulher apanha, o homem também."

### **Depois da *osiip*, mais conselhos**

Enedina me disse - "Depois do *osiip*, os jovens eram aconselhados para não se aproximar de mulheres, deveriam ficar isolados. Apenas moças puras que podiam cozinhar, fazer chicha, pamonha e comidas para os jovens que estavam com o *osiip*, em isolamento. [...]Após o *osiip*, caça como mutum, cotia ficavam paralisados. A presa ficava mais fácil de matar. Os pais aconselhavam os filhos para não ficarem dentro de casa e não brincar nem com mulheres. Tinham que caçar. Após o conselho dos pais iniciavam a caça."

Meu tio Waldemar também falou sobre o conselho depois do *osiip* quando me disse: - "O conselho para o menino fala pra ele não chegar com a mulher, trabalhar, caçar. Se chegar com a mulher, se não obedecer vai passar o *osiip*. Assim que era antigamente. Depois que passar *osiip* tem que casar. A gente não casa antes de passar. Depois que mata a caça aí tem que casar. Antigamente não tinha roupa, não tinha nada. Caçar era o nosso trabalho. Por isso hoje precisa estudar e depois casar. Se não tem

emprego, não tem nada. Se a gente não aprender as coisas, a gente não sabe fazer as coisas pra mulher da gente. O que a gente vai fazer? Antigamente não se dava a menina só dando, não. Tem que ver se o homem sabe fazer coisas. Antigamente a gente conversava com o homem pra prometer a filha da gente. Conserva antes com ele: - 'Você vai casar com minha filha...' Aí a gente cuida a criança que vai casar com ele. Ai não tem conversa. Aí fica preparado só pra ele. Ai se namorar escondido ai que tem problema. Dá conselho pra filha da gente: - 'Você vai casar. Agora você vai cuidar do teu marido. Tem que cuidar dele. Não pode ficar com ciúme.' Ciumento não presta não. A mesma coisa o homem também: 'Agora você vai cuidar da sua mulher, dá caça pra ela...' A mesma coisa. Assim que tem que respeitar o teu marido. A mulher safada não presta não. O homem tem que respeitar a mulher dele. O pai tem que dar conselho pro filho e pra filha. Antigamente dava conselho pra respeitar o marido. "

Enedina me disse também: - "O nosso costume é difícil. O pai orientava o filho para não ficar com ciúme.[..]Para o menino aconselhavam que devia cuidar da esposa, não reclamar, falar com calma. Ele devia falar com a esposa, dar conselho, aconselhar a esposa para ela não ficar desonesta. Se era casado o marido que dava conselho para a esposa. O marido não deixava a mulher tirar sua autoridade, nesse caso a mulher que fizesse isso, desonestidade, reclamar do esposo, ela sofreria as consequências como agressão física. O esposo podia estar com raiva e ela mesma não podia se defender.[...]O homem não podia alimentar a família com a caça de outro homem. Ele tinha que alimentar a sua família com sua própria caça. Assim o pai aconselhava o filho.[...]E o pai falava para o filho. O pai aconselhava o filho dizendo que deve orientar a esposa, quando a mulher é preguiçosa e não faz linha de algodão. O pai dizia para o filho dizer para esposa não comer a cabeça do macaco, só os pés. Do mutum só pode comer a cocha. A mulher preguiçosa é a mulher que não fazia linha de algodão.[...]O conselho para o homem era: - 'Se você quer algodão, faça *sysyno* pra sua irmã, pra tua tia. Elas vão ter que entrelaçar o rolo de linha de algodão.' Se quiser algodão faça *sysyno* para a sua irmã, que deveria fazer para seu irmão o *sysyno* também. [...]Só o pai que ensinava na construção de casa levava para tirar palha, tirava madeira e a armação da casa.[..]Os mais velhos convidavam os jovens (homens) para trabalhar, para fazer roçado. Iam todos juntos. Nenhum jovem ficava para trás. Trabalhavam unidos fazendo roçado, plantel e depois tocava fogo. Hoje em dia todos trabalham fazem roçado individual.[...]Se o homem não mata nada, se não tem nem dente de macaco, não pode

casar. Hoje é que nem ter estudo. A mãe fala: - 'Você nem fez dente de macaco pra eu colocar no pescoço e na cintura. 'Fazer colar, é esse o conselho para o menino. "

Maria Rosa também falou que "Os pais que ensinam os meninos e as mães as meninas. Pai mandava caçar , pescar. ..." O meu tio Francisco também me disse: - "A gente que ensina o filho da gente, manda fazer flecha, arco. [ Francisco estende o braço. Ele mostra como faz para furar dente de macaco e enfiar da ponta do dedo até um palmo do antebraço.] Depois que completa, põe o colar no pescoço. Aqui está pronto o dente. O pai ensina a trançar, colocar e até aqui fica pronto ( mostra a metade do antebraço).O filho fica olhando. Depois que ensina tudo, o pai manda fazer. Isso tem que ensinar para os alunos hoje e não estão ensinando. "

O meu tio Waldemar também falou que o pai ensina o filho e a pessoa que sabe também:- " O pai que ensina a fazer as coisas. Fazer casa. O filho fica olhando o pai fazendo ai vai aprender. Se ficar só a toa não vai aprender não. Tem que ver o pai trabalhando ai vai aprender. Se não olhar não aprende. O tio também ensina. O pessoal que sabe ensina a fazer as coisas."

"O pai que ensinava o filho dando instrução e o que era a atividade dos homens", disse Enedina. Ela explicou: - "Os pais que ensinavam, davam instruções para furar dente de macaco, mas tinha uma casa para ensinar os meninos essas coisas."

### ***Akapa, a casa separada***

Quando falava da educação dos meninos e quando perguntei sobre o que achava da educação na escola, Enedina falou sobre uma casa separada. Enedina me disse: - "Antigamente não estudava. A casa era separada para fazer artesanato.'

Perguntei para o meu tio Francisco se tinha casa separada para as mulheres. Ele disse que tinha. E explicou: - "Tem casa grande que chama *akapa*. Casa das mulheres fazerem as coisas delas. A casa dos homens é separado também é *akapa*. É lá que elas entram, ficam todas sentadas *pytim adna* (fazendo). Parece estudo. Cada pessoa tinha tipo um sabedor. Cada pessoa ficava ensinando. O homem é a mesma coisa. "

Meses depois, Enedina explicou mais sobre a casa: - "Onde faz peneiro é separado. Lá não pode pisar o homem. Não pode pisar no resto de palha, da tinta...Faz mal pro homem. Tudo misturado com jenipapo. Antigamente eu tinha medo.

Antigamente o jenipapo não podia chegar pertinho do irmão. Agora é tudo normal. Eu tinha medo antigamente. Por isso onde os homens fazem artesanato é separado."

A minha mãe Maria Rosa falou sobre uma casa da cerâmica e outra da cestaria quando perguntei sobre casas separadas: - " Eu sei onde fazia a cerâmica. Tinha um lugar onde fazia cerâmica. Onde fazia a cerâmica não fazia cestaria. Fazia longe porque é perigoso. Fazer cestaria é perigoso por causa do jenipapo. Quando irmão da gente pisa, machuca. Qualquer coisa acontece. '

Perguntei sobre casa separada para o meu tio Dirceu Valter e ele respondeu: - " Tinha casa para os homens fazerem coisas deles. Lá onde faz, deixa as coisas que faz lá como arco, flecha, cocar, colar...Deixa tudo lá. Assim as mulheres também. A mulher trabalha na casa delas. A mulher trabalha à noite. Faz algodão à noite, fica trabalhando à noite. Ela faz o marido dela trabalhar. Faz pro irmão dela."

Também perguntei para o meu tio Waldemar e ele me disse que tinha: - "Tinha uma casinha velha pra fazer. Lá que faz flecha e arco. A gente não faz mais isso. A gente esqueceu nossas coisas. Nos estamos esquecendo."

## CAPÍTULO 5

### SYPO TAGNGÃ – O SURGIMENTO DO PAJÉ

Neste capítulo vou contar sobre pajé. Perguntei às pessoas mais velhas como surgiu o pajé e se a pessoa aprendia a ser pajé. Falamos Sypo Tagngã para dizer pajé. Sypo significa olho, olhar e ver. Tagngã quer dizer um monte de bicho como peixe, bolor, fungo. Pajé é aquele que tem bicho no olho, que vê espíritos.

O(a)s mais velha(o)s, ao responderem sobre o surgimento do Pajé, me contaram sobre Dupá, que traduzimos como curupira, e também sobre o primeiro indígena a ter contato com o branco. As histórias são um pouco diferentes, mas também tem coisas iguais. Cada pessoa conta um pouco diferente sobre a história do pajé. A história de Deus eles contam a mesma coisa.

Nunca tinha escutado a história do tio Valter. Para nós o pajé era doença. Quando ficava *Sypo Tagnga* era doença. Juntava osso de morto e mandava carregar. Ai sumia a doença. Osso de capivara era bom pra não ter mais doença. Quando sonhava, acontecia as coisas, quando falava que branco estava se aproximando o pessoal descobria: - 'Você está sendo Sypo Tagnga.'

#### **O homem que teve contato com os brancos**

A primeira vez que conversei com Enedina e perguntei sobre o surgimento do pajé ela disse: - "Antigamente os brancos matavam a gente, guerreavam. Diz que quando o homem [opop] matava a gente e a gente corria pro mato. Ai escureceu o dia. Ai um índio sumiu através da escuridão com o bicho. Assim que surgiu o pajé. Guerrearam com os povos indígenas, correram e escureceu de repente. Na escuridão o bicho [quida] aproveitou para pegar um índio. Um homem sumiu assim que surgiu o pajé. [...] O branco que pegou o índio. O branco levou a gente pra casa. O índio falou para os brancos não fazerem mal pra eles. O branco entendia a nossa língua. Assim o branco amansou pra gente, não fez mais mal pra gente. [...] O branco perguntou pro índio onde ele mora, na língua. Eu moro pra cá, cunhado[ysybo] [...] Os brancos falavam nossa língua. Entendiam a língua. Depois que o branco pegou o indígena, o dia clareou e não ficou mais escuro. Ai ele viu os não indígenas. O indígena alisava os brancos dizendo

'não faz isso cunhado'. É assim que homem branco amansou. Ai homem perguntou onde ele morava. O indígena respondeu: - 'Eu moro lá com meu povo [ypyeso]'. O homem branco disse pra ele então ir lá com o seu povo. O não indígena o mandou ir embora e mandou pegar terçado, miçanga, panela e roupa. Assim que morreu muita gente, o pessoal mais velho. O não indígena levou de volta para o povo, procurou, procurou e achou. O indígena de volta falou: - 'Eu cheguei. O branco me levou. Agora o branco não vai ficar mais brabo com a gente mais não. O homem me deixou no não indígena, no meio dos brancos. Agora os brancos não vai matar a gente mais. 'Chegando lá, distribuiu as coisas que pegou lá. Um pessoal voltou pra encontrar o não indígena pra pegar mais coisa, assim.... Através desse primeiro homem veio a doença. Esse homem que virou o primeiro pajé. Esse homem através da escuridão que foi pra os brancos, não vai parar de ver esse espírito. Não para de ver o espírito que é assim como Deus. [...] esse homem que pegou miçanga vai virar pajé. Por que foi pela escuridão que ele foi parar lá no meio dos brancos. Esse vai ficar vendo espírito que nem Deus.

O meu tio Driceu Valter também contou uma história parecia, sobre o primeiro pajé, que foi o primeiro a ter contato com os brancos: - "Primeiro pajé era Pyodit. O branco matou muito o índio. A mulher do Pyodit sumiu ai ele pensou: - ' Mataram minha mulher. Vou procurar o corpo da minha mulher.' O branco matou 10 mil índios. Procurou e o corpo da mulher não apareceu. Antes do branco matar o índio, o índio tinha matado um branco e por isso os brancos mataram os índios. Ai eles pegaram uma india. Ai ele foi procurar. Ele foi andando, andando. Ai ele viu os brancos. A mulher dele estava amarrada no meio dos brancos. Os brancos queriam matar ele. A mulher gritou. Amarraram os dois. A mulher foi lá com o marido dela.O branco amarrou ele. Ele ficou muitos anos lá. Aprendeu a falar o português.Assim que surgiu o primeiro pajé. O espírito levou ele lá no meio do pessoal indígena de novo. O pessoal pensou que ele estava morto. O pessoal disse: - 'Pensei que estava morto.' Ele respondeu: - 'Não eu estou no meio dos brancos. O espírito me trouxe. O branco me levou.' Ai que a gente perdeu o que o Deus deixou pra gente. Ai nos confiamos na palavra dele que ele contava as coisas e assim surgiu o pajé. Assim minha mãe falou pra mim. A minha mãe que ensinou pra mim e eu sei. Assim eu faço a sikna [ educação] dos meus filhos. "

Os mais velhos contam as histórias que aprenderam que vão contar para os seus filhos. Isso também é a educação tradicional, como disse o meu tio Valter Dirceu.

## **O homem que ficou invisível e foi embora vivo**

Logo depois de ter contado sobre o homem que teve contato com os brancos e virou pajé, Enedina também contou sobre o homem que passou cinzas de curupira e foi embora vivo: - " Existiu também antigamente o homem que passou dupa han (cinza de curupira). Byyj aparece como espírito que foi embora como vivo e ninguém vê mais, só o pajé. O pajé imaginava as pessoas que iam chegar na aldeia. Assim que surgiu o pajé. Depois Jopa Parongngã (nome de um índio) virou pajé. Falou: - 'Eu vi o pessoal aqui, os brancos.' Aí o pessoal falou: Ei você está virando pajé. Eu estou vendo homem por aqui. Tem gente por aqui. Aí veio o branco. Aí os brancos foram pra aldeia e ele falou: os brancos estão querendo matar a gente. Vamos ver ali. Tinha rastro está embaixo do tronco de árvore. Aí viu os brancos e estes queriam matar ele. Ele então falou: - 'Oi compadre.' Assim que surgiu o pajé e não parou mais."

Na entrevista de dezembro Enedina contou um pouco mais sobre esse homem: - "Existem esses outros Deuses. Existe Byyj. Eu vi o Deus daqui, por isso eu falo pra você não ficar falando deles. Ele também parece Deus de cima, que está lá no céu. Aquele que foi embora vivo e não morreu. O cunhado dele falou para os homens: - 'Vamos matar/queimar o Dupá.' Aí todo mundo foi. Aí foram pra queimar. Queimou o tronco e arvore caiu. Curupira morreu. O homem falou: não vai pegar as cinzas. O pessoal teimoso pegou as cinzas. Antes de fazer mal para o Byyj, tentou com o macaco. O homem teimoso passou as cinzas do curupira, ficou invisível e matou o macaco. E chegaram lá com caça. O homem teimoso viu o Byyj junto com sua mulher. O homem nele e também passou na mulher de Byyj. Ai Byyj foi embora vivo e levou as cinzas e disse que ele que ia ficar invisível. Levou todas as cinzas. Vive até hoje no mato. O pai dele procurou 3 vezes. Na 3ª vez ele disse que não voltaria mais. Ele matava gente. Por isso quando se faz festa não pode transar senão ele mata. A pessoa que transa não pode fazer festa. Pessoa que está menstruada não pode fazer. [...] Antigamente a gente transformava [em animais] muito. Antigamente a gente tinha outro Byyj. O filho foi embora e se transformou em beija-flor porque o pai disse que ele não era filho dele. O beija-flor é filho do chefe, Byyj. [...] Byyj a gente fala para aquele que foi vivo. O Byyj é que faz a gente não fazer besteira na festa tradicional. Quando faz medicina não pode fazer nada de namorar e se acontecer, ele faz pessoa adoecer. Quando ele foi embora, quando o pai dele o viu pela terceira e última vez ele avisou tudo sobre cada tipo: festa tradicional, medicina...Ele matou a mulher dele e o homem que transou com ela. Parecia

alguém vivo, invisível e batendo nela. Quando acontecia de transar antes da festa, fazer besteira, ele matava. Ele puxava o cabelo do meio. Parecia gente puxando. Desde aquele tempo a gente não pode fazer mais isso. Por isso a gente respeita a nossa festa. "

Quando perguntei para o meu tio Francisco sobre o pajé, ele contou uma história que eu nunca tinha escutado sobre as cinzas do Dupá: - "Sobrinha, não existia pajé. Surgiu através das cinzas do Dupá [Curupira]. Assim que surgiu o pajé. Fala com a tua mãe então. Vamos conversar sobre isso daí. Antigamente o Dupá matava muita gente. Quando homem caçava, não voltava porque o Dupá matava. Tinha Byyj, que era chefe. Aí tinha um homem, que era cunhado[ casado com a irmã] do Byyj. Diz que ele falou pro Byyj: - 'Cunhado, eu que vou atrás do Dupá, eu que vou esperar. Eu vou dar comida pro curupira. Eu vou achar onde o curupira vive.' Ele foi lá onde Dupá estava. Dupá estava matando muita gente. Ele foi e achou onde o Dupá tomava água, onde podia esperar. Ele dava água de coco. Dupá bebia diferente. Fazia muito barulho. Aí o homem fez uma isca. Ai Dupá tomou. Fez de novo. Dupá tomou de novo. O homem pensou: - 'Agora vai ser eu. Eu vou ser a isca.' Colocou as coisas podre, cocô, milho podre... Ficou tipo morto e foi pra lá Ai o Dupá vai pensar que ele estava morto. Subiu em cima de uma árvore pequena e parecia que tinha pulado da árvore. Assim que ele caiu o Dupá chegou. O que aconteceu?, falou curupira. 'Ta vendo, subiu na árvore, tocadeira mordei, caiu e morreu', disse. Dupá falava diferente. Não falava que nem a gente.[ O tio também falou com uma voz de Dupá] Ai Dupá pegou o homem e carregou nos ombros. O homem fez isso pra saber onde curupira morava. Dupá carregou no ombro, parecia morto. Quando Dupá estava carregando o homem, este quebrava as folhas pra depois saber o caminho. Para quando ele chegasse lá na casa do Dupá saber como voltar. Dupá jogou o homem no chão. Ai Dupá falou pro filho dele: - 'Vai buscar a trosekip (faca na língua do Dupá). O filho dele foi procurar e não achou. Sorte do homem. 'Papai não tem, não', falou o filho. 'Vai procurar lá', falou Dupá. [ A faca não fica andando, não, disse Dupá] Era o poder do homem, cunhado de Byyj. Sorte dele que o filho não achou a faca. Não achou por conta do poder [português]do Byyj. Dupá foi buscar a faca e seu filho ficou com o homem. ['O homem está piscando papai', disse o filho de Dupá. 'Como que está piscando? Morto não pisca!'. Quando eu morrer eu não vou piscar', disse Dupá.] Ai o homem estava com uma flauta na mão. O Dupá foi lá procurar a faca [ponta da flecha]. Ai foi lá. Disse que ele olhou. O homem viu onde eles moravam, viu o buraco. Pegou a flauta, fez um embrulho de palha e fez barulho. Quando fez isso, os Dupá ficaram desmaiados. O cunhado de Byyj correu e chegou lá com Byyj e disse:-



'Eu achei cunhado. Todos os Dupá estão desmaiados'. Ele correu. Assim acharam o lugar do Dupá. Assim que mataram Dupá. Agora nós vamos matar eles. Assim que pegaram as cinzas do curupira. Depois de três dias foram pra matar. Pra botar fogo no buraco. De dia foram matar, colocar fogo no oco do pau onde Dupá morava. O cunhado tocava flauta. O pessoal assobiava. Assoprava. Ai que os Dupá se juntaram e entraram tudo no buraco. Então o pessoal aproveitou e botou fogo pra queimar. Ai acendeu um monte e cada Dupá ia caindo. Quando queimou um monte, o Byyj falou: - ' Não mexe não.' O pessoal disse: - 'Ta bom.' E Byyj disse: 'Nos vamos pegar tudo junto.' Ele creditou que os outros não iam pegar, mas eles pegaram as cinzas sem permissão do Byyj. Pegaram escondido. [...] Sem a permissão do Byyj pegaram. Ai dois pegaram: 'Vamos tentar'. Passaram entre os braços e no meio do peito. Vamos tentar. Ai eles ficaram invisíveis só entre eles. Depois falaram assim: - 'Vamos transar com a mulher do Byyj.' Ai os dois viram macaco preto. Ai Byyj descobriu quando eles mataram macaco preto pertinho dele, quando estavam invisíveis."

### **Antes de Deus e depois do Pajé**

O meu tio Waldemar também me contou que as coisas mudaram com o surgimento do pajé: - "Antigamente surgiu o pajé, mas isso não é de Deus. A gente não pode misturar as coisas de Deus com pajé. Deus não faz que nem o pajé faz, cantando ao redor. Não pode misturar as coisas do pajé com as coisas de Deus. Deus não rodeia cantando nas festas. Só pajé. Pajé que fez isso daí. Esse daí que quase acabou com a gente porque a gente não faz direito. [...] Por que quando fazia festa tradicional fazia as coisas de Deus. Não pode fazer a pessoa que faz sexo, que menstrua porque cobra pode morder o homem. Depois do pajé ele fazia sexo, por isso a gente estava quase acabando. Quase que a gente acabou. Deus não fazia isso. Até agora não pode fazer sexo quando faz chicha, fazer festa, é perigoso porque a cobra pode morder os homens. Assim que era antigamente. "

O meu tio Dirceu Valter também contou que as coisas mudaram depois do surgimento do pajé - "Foi agora que surgiu pajé. Antigamente a gente vivia como Deus deixou pra gente. Com o *gopatoma* (remédio tradicional), festa tradicional...Agora surgiu o pajé. A gente se perdeu do que o Deus deixou pra gente. Quando começou pajé

ele que começou a fazer festa diferente. Começou a fazer festa dele com baleio, deixando tudo em fila e cantando ao redor do balaio. A festa de deus não era assim. Assim que mudou a festa. Ai nós deixamos. O primeiro pajé era Pyodit. Quando surgiu o pajé a gente comia Pama [fruta vermelha]. Comia dois tipos de pama. Depois que surgiu o Pajé a gente come tudo. Deus disse que a gente não podia comer Pama Pintada [vermelha e branca]. Depois o pajé disse que podia comer então a gente comeu. Não comia Pama. Só comia Pama grossa. Deus falou que Pama fazia *goerej* [morrer cedo]. Não era pra comer. Era por causa do pajé que a gente deixou tudo que Deus deixou pra gente. Por isso a gente fazia festa de Pama, festa com balaio em fila. Deus não fazia assim. Não deixava cantar em círculo. O pajé inventou essas coisas. Cada coisa que fazia cantava *iomot* [circulando]."

Perguntei o que era Sypo Tagngã ao tio Dirceu Valter e ele me respondeu: - "Curandeiro [português]. Quando nós deixamos as coisas de Deus, ai nos confiamos nele. Quando a criança ficava doente a gente ia lá pra rezar. Ele falava com espírito e rezava a criança. Tinha pajé bom e pajé ruim. Tinha pajé que curava as pessoas e fazia viver. A gente levava criança doente. Pajé ruim matava o filho da gente. Em vez de curar, matava e a gente pensando que tava curando. Assim que surgiu muito pajé. Passando uns pra outros. Antes vivia só morrendo porque pajé matava. Agora a gente está bem."

### **Pajé homem e pajé mulher**

Perguntei para os mais velhos se existia mulher pajé. Minha mãe, Maria Rosa, disse que existiu e a primeira mulher era mãe do Cizino. Perguntei se era boa e ela me disse: -"Ela fazia cada tipo de batata, vários tipos. Eu não vi mulher pajé ruim não. Tua avó também era pajé. Ela fazia remédio tradicional. O remédio aparecia na mão dela. Ela fazia o bem. Existe homem também mas no homem o coração do homem é muito mal. "

Quando perguntei se pajé homem era igual à pajé mulher, Enedina disse que era igual, mas também falou das diferenças: - "Meu pai era pajé. Dysyngng Bioro era pajé mulher e era igual. Pois é, mas meu pai era um pouco diferente. Meu pai fez as coisas que não se fazia e que o irmão dele não acreditava, dizia que era mentira e mandava ele fazer isso daqui. O irmão dele mandou fazer tipo um boneco de madeira branca. Pensou

que não fazia e ele fez. Ninguém fazia. O pessoal contou que ele fazia coisas diferentes. Fez na frente dele. Aí ele acreditou por que ele fez na frente dele então o irmão acreditou. Assim que é o pajé. Minha mãe fazia como pedra. Aparecia cada tipo de pedra, colorida, branco, vermelha. As pedras estão na aldeia. Eram da minha mãe. Fazia pedras coloridas: vermelho, preto...Cada cor aparecia e ia mudando de cor para curar.As pedras ficam guardadas num balaio, no cesto no alto da casa. Antigamente só ela que tinha. Não pode distribuir. Agora ninguém cuida mais do cesto. Está pendurado na casa do Cizino. Eu acredito nisso daí porque eu conheço. Eu vi. Isso daí é verdade por isso eu falei para não falar mal deles."

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história do meu tio Francisco sobre Dupá eu não sabia. Eu não sabia e ele contou. Depois que ele contou a história como era antigamente, achei muito importante. Aprendi um pouco da história sobre como surgiu o pajé, como era a educação antigamente, o castigo da criança. Com isso daí, eu me aprofundi um pouco para contar essa história e passar para os meus alunos o que eu aprendi das histórias de cada um deles. Cada um deles tem uma história um pouco diferente. Por exemplo, o meu tio Francisco conta um pouco diferente a história do meu tio Waldemar e do meu Valter. Um pouquinho. Ele aprendeu assim. Achei muito igual. Foi passando assim. Fico perguntando se é variado. Cada pessoa conta a história um pouco diferente. Não sei quem é certo.

Antes já tinha escutado sobre *osiip*, sobre passar marimbondo, que era castigo. Se ficar muito safado e fazer coisa errada, mexer na mulher dos outros aí leva no marimbondo e tem que fazer isso daí. O meu pai falava sempre isso pro meu irmão. O meu pai falava pro meu irmão: - 'Você tem que passar tudo que eu passei, você não passou o que eu passei.' Assim que eu escutei falar do *osiip*. O que eu achei mais interessante é que dizia que os homens ficavam isolados, que não podiam conversar com ninguém. Como que comia? Não comia direito. Comia só milho torrado. Só tem história hoje. Ninguém sabe disso mais. Agora que aprendi. Se a gente não conversar com o pessoal mais velho, não vai saber disso. Acho que tem mais coisa que a gente não sabe. Eu não sabia do cesto grosso e do cesto fino. Pensei que era só um. Não sabia do peneiro. Achei interessante porque diz que tem desenhado fino e tem o grosso.

Minha mãe me bateu quando era pequena. Quando era pequena ficava com meu irmão, porque fazia brincadeira de homem e ela não gostava. Eu apanhava porque não parava em casa. Quem apanhava mais era o meu irmão. A minha mãe batia em fila na gente. Isso aí era o meu castigo. Minha mãe falava pra eu chamar meu irmão de irmão. Até hoje eu chamo meu irmão pelo nome. Ai minha mãe não gostava e batia. Dizia para conhecer o irmão mais distante (o primo paterno), que também é chamado de *ysyky* (irmão). O materno não é. Minha mãe mandava cozinhar, lavar roupa e varrer. Eu cuidava do meu irmão mais novo. Minha avó também falava que não era pra chamar meu irmão pelo nome e dizia: - 'Se não chamar irmão de irmão ele vai querer namorar com a gente'. Meu pai falava pro meu irmão cuidar da irmã. Disse que o irmão que iria

ajudar a gente se ele morresse. Não era pra abandonar a gente. Meu pai falava pro meu irmão: - 'Se tua tia de longe prometer a filha pra você, tu não vai dizer que não. Tu tem que aceitar'. Quem casou pela vontade do meu pai foi Fernando e Orlando. Pra mim está errado prometer. Ninguém vai prometer a minha filha. Acho muito feio a pessoa casar com a pessoa que não gosta. Tem que casar com quem gosta. Quando é criança a gente não fala nada porque a gente tem medo.

A educação tradicional karitiana é respeitar os outros, principalmente, o pessoal mais velho. Minha mãe falou que não podia peidar na frente dos outros. Se a gente peidar na frente do irmão, tem que fazer chicha pra ele. Se ele peidar, ele que traz caça pra mim. No meu entendimento, educação é respeito. Por exemplo, quem aprendeu vai passando pro outro. Que nem eu escutei agora. Isso daí que eu vou passar para os meus alunos. Aprendendo com outro. Essa aprendizagem tem que saber. Aprender com os outros. Ouvindo. Vai falar. Vai aprendendo. Escutando. Contando pra gente.

Vou levar o pessoal mais velho pra falar com as crianças sobre antigamente. Vou ensinar o que eu aprendi, Vou falar sobre isso daí que antes não era isso. Agora tem que contar. Aprendi mais as coisas de antigamente, do tempo anterior. Eu não sabia como era. É importante. Queria saber como era educação tradicional, não sabia, pra falar para os alunos, pra eu conhecer. A nossa cultura não é que nem do pessoal branco, por isso vão achar muito importante. As crianças que estão estudando agora não sabem como era antigamente ai que eles vão saber como que era. Acho que vão voltar de novo a respeitar os outros. Com essa pesquisa aqui eu vou aprender mais coisa, aprendi mais coisa. Pra mim é muito importante. Tem muitas coisas que eu não sabia e aprendi. Eu quero repassar para os alunos o que eu aprendi e fazer uma pesquisa sobre educação tradicional com eles. Eu disse que iria transcrever essa conversa e meu tio Waldemar disse que ia pensar porque tinha muitas informações sobre antigamente então tem mais coisas que posso pesquisar para saber.

Aprendi que educação Karitiana é como respeitar o pessoal mais velho, conhecer a família, o irmão...fazer o que o pessoal mais velho manda. Isso é a nossa cultura.



## ANEXOS

### Entrevista com Enedina Karitiana (tia avó)

Outubro de 2016

#### EL. Como fazia para a criança respeitar a gente e os outros?

ED. A gente conversava com a criança para respeitar os outros, dava conselho para brincar direito e não podia gritar não fazer barulho. Antigamente a gente dava conselho para a criança, não ficar com raiva dos outros. Não podia fazer besteiras, assim a mãe e o pai aconselhava a criança. Desse jeito a criança respeitava a gente e se não desse conselho a criança não respeitava. Quando a criança fazia barulho, gritava, a gente conversava com ela. A criança quando já ia ficando grande fazia comida, buscava água, varria a casa, varria quintal, capinava o quintal. A criança acordava bem cedo, a criança não podia acordar tarde. Se a gente não falasse com a criança não tem respeito com o pai e mãe (medo vergonha pé). A criança respeitava a mãe e o pai.

#### EL. Como a gente fazia para a criança respeitar os mais velhos?

ED. A mãe falava pra não ficar com raiva das pessoas mais velhas, não responder os mais velhos. A gente, os pais que davam conselho para os nossos filhos. Eles ouviam nossos conselhos. Para a menina a gente falava que tinha que fazer comida. Agora para o menino eram outros tipos de conselho, como se aproximar de mulher. Antigamente era difícil, nossa cultura [yiki] Nesse tempo os meninos ficavam sós com os meninos. Assim também as meninas ficavam sós com as meninas. Antes as meninas não podiam engravidar. Hoje estou vendo assim as coisas acontecerem diferentes, tudo mudou muito [osup, osup tepu] Antes o homem passava maribondo no corpo, na cabeça, no braço, na perna, para ficar cheiroso. Antigamente o jovem [tossop it] não podia ficar sem osiip para ficar cheiroso, com esse cheiro o homem matava a caça com flecha.

#### EL. No meio desse (osiip) havia a pessoa mais velha para ensinar?

ED. Tinha para dar conselho e passar osiipo no corpo deles, apertando no corpo todo como se fosse massagem. Quando os meninos estavam passando osiipo, estavam gritando muito era muito sofrimento, até meu filho era pequeno gritava. Gritavam muito, parecia que estavam morrendo. Cantavam musica especial para osiipo. As crianças ficavam na frete e adulto atrás. Assim cantavam a musica do osiip. Eu não conseguia cantar, pegar beijú de marimbondo e por isso não deixavam pegar beiju de marimbondo. Cada jovem pegava beiju de marimbondo no orifício, buraco no tronco da arvore depois deixa. Depois do osiipo, os jovens eram aconselhados para não se aproximar de mulheres. Deveriam ficar isolados. Apenas moças puras podiam cozinhar e fazer chicha, pamonha e comidas para os jovens que estavam com o osiip, em isolamento. Após o osiipo, caçavam como mutum, cotia... As caças ficavam paralisadas. A presa ficava mais fácil de matar. Os pais aconselhavam os filhos para não ficarem dentro de casa e não brincar nem com mulheres. Tinham que caçar. Após o conselho dos pais iniciavam a caça. Passavam o osiipo em toda a parte no corpo. Os jovens ficavam todos sujos de ossipo. Já para as moças, o conselho era diferente dos jovens. Era para não se aproximar dos homens e jovens, o conselho era para as meninas, por causa dos homens e por isso as meninas não se aproximavam dos homens e tinham espirito. *Pikom gum clak iiookotyp*. Os jovens acumulavam os dentes superiores dos macacos que foram abatidos,

colocando os dentes um **cinto**. Assim os jovens eram considerados, preparados para caçar. Os jovens que não concluíram a meta continuavam no osiipo. Aqueles concluíram o teste final estavam separados e prontos para caçar e casar. Assim que era antigamente. No pé de tucumã ficava cheio de dentes de macacos preto, macaco velho no pé de tucumã. Assim aconselhávamos antigamente as crianças. Não gritar, não fazer barulho, pois estavam perturbando e os bichos ficavam furiosos, até Deus. Assim era antigamente.É verdade aconteceu com meu irmão.Ele vivia fazendo muito barulho então o bicho daquela criança se sentiu perturbado e o flechou com a ponta de flecha no corpo que vinha como doença, muita febre e não tinha cura.Chegou a óbito.Ele era adolescente, grande alto e forte.Não era como adolescentes de hoje. Ele era solteiro e adolescente. Meu finado irmão **Kyorojñ** era prometido.Após ele perturbar os bichos faleceu de doença. Assim que os bichos faziam com quem fazia barulho, começando com **esquizofrenia**.Assim os bichos matavam aos poucos. Assim aconselhávamos as crianças não ficarem danadas.

#### **EL. Quem orientava os rapazes no dever?**

ED. O pai que ensinava o filho dando instrução e o que era a atividade dos homens.

#### **EL. Assim é o mesmo como tratava a esposa?**

ED. O nosso costume é difícil .O pai orientava o filho para não ficar com ciúme. E a mulher era assim: não respondia o esposo, as mulheres que serviam, respeitavam o esposo. As mulheres não deviam reclamar do esposo, as mulheres não deviam maltratar o esposo, a mulher não era superior ao marido, ela era inferior do marido. Assim aconselhamos as meninas.Para o menino aconselhavam assim: devia cuidar da esposa, não reclamar, falar com calma. A mulher devia falar com seu esposo, fazer comida. A mulher não podia deixar de fazer comida.Assim ele devia falar com a esposa, dar conselho, aconselhar a esposa para ela não ficar desonesta.Se era casada o marido que dava conselho para a esposa.O marido não deixava a mulher tirar sua autoridade.Nesse caso a mulher que fizesse isso, desonestidade, reclamar do esposo, ela sofreria as consequências como **agressão física**. O esposo podia estar com raiva e ela mesma não podia se defender. Isso não se faz atualmente.Agora não aconselham mais as crianças.Hoje podem casar com a prima. Hoje os jovens podem namorar casar. Para os jovens de hoje não existem os costumes e a **cultura acabou (frase na língua)**. Se os jovens de hoje fossem os de antigamente todos seriam castigados, enfiados dentro do buraco do maribondo. Se alguém fizesse algo de grave todos eram punidos. Esse era o castigo dos jovens.Era para **refletir**.Era para todos os jovens o castigo, o maribondo, assim o jovem aprendia a respeitar o próximo.O homem não podia alimentar a família com a caça de outro homem. Ele tinha que alimentar a sua família com sua própria caça. Assim o pai aconselhava o filho.Até quando a esposa não terminasse o rolo de linha de algodão, não oferecia cocha do mutum (frango) pra ela .Assim que estivesse pronta, o rolo de linha, ai poderia dar pro irmão dela, o rolo de linha de algodão. Ai que a esposa oferecia para o esposo cabeça do chefe do macaco prego, ai poderia comer cocha de nambu (frango), cocha de mutum.

#### **EL. E o marido? O que falava para a esposa?**

EN. E o pai falava para o filho. O pai aconselhava o filho dizendo, assim que você deve orientar a esposa: quando a mulher era preguiçosa, que não fazia linha de algodão. O pai dizia: diz para ela não comer a cabeça do macaco, só os pés. Do mutum só pode comer a cocha, quando é mulher preguiçosa.É a mulher que não fazia linha de algodão.A gente



que fazia a rede de algodão grosso para o nosso irmão. O conselho para o homem era: se você quer algodão, faça sysyno pra sua irmã, pra tua tia, elas vão ter que entrelaçar o rolo de linha de algodão. Se quiser algodão faça sysyno para a sua irmã que deveria fazer para seu irmão o sysyno também.

**EL. E quando aprontava o sysyno, pra quem entregava?**

EN. Era pro irmão. Sysyno [feito de patiuba para tecer o algodão] comprido de linha grossa para rede. Sysyno que faz com linha fina de algodão é para pulseira, artesanato. Epa, epa [instrumento pra socar a chicha] era pra chicha. Se o irmão fizer epa entrega para o irmão. É sinal que o irmão esta pedindo chicha. Se o irmão entregasse o sysyno comprido, é sinal que esta precisando de rede. Se o irmão entregar sysyno curto é sinal que estava pedindo rolo de linha de algodão fino. Eu fui aconselhada na outra aldeia, Pyotip [aldeia que não existe mais], rodeada de muita criança, jovens e moças ouvindo a palavra dos mais velhos. Faça chicha, falava o mais velho. Eu fazia chicha para irmão, tio e primo. Pedia para buscar água, a gente fazia. Era o nosso costume, era muito difícil no nosso tempo.

**ED. Nesse tempo os jovens respondiam aos adultos?**

EN. Ninguém respondia. Assim também as jovens mulheres mal criadas, mal educadas, o castigo para eles era fazer meryrã [peneiro para coar chicha], typypa [cesto pra as mulheres]. Era tarefa para elas fazerem. Os mais velhos entregavam palha de tucumã e diziam 'faça meryrã', sem que ela soubesse que estava sendo castigada.

**ED. A mãe ensinava a fazer?**

EN. Não, só entregava e dizia, faça e ia embora. Ou dizia ' não sei', outra mulher vem pra ajudar e ela que dará instrução.

**ED. Os homens ensinavam os jovens a construir casa?**

EN. Não, só o pai que ensinava na construção de casa levava para tirar palha, tirava madeira e a armação da casa. Os mais velhos convidavam os jovens homens para trabalhar, para fazer roçado. Iam todos juntos. Nenhum jovem ficava para trás. Trabalhavam unidos fazendo roçado, plantel e depois tocava fogo. Hoje em dia todos trabalham fazem roçado individual.

**ED. Os meninos aprendem furar dente de macaco sozinho?**

EN. Não, os pais que ensinavam e davam instruções, mas tinha uma casa para ensinar os meninos essas coisas. As mulheres faziam sebyk [ pulseira de pé e pulso] com linha de algodão pintado de urucum enrolado no punho de arter, braço e canela. Esses artesanatos feitos agora não são como os de antigamente. Antigamente o mulugum [vermelho] era feito para homem okyrynj [cocar]. O orojde [ a pena das aves do chapó] e rabo do chapó eram antigamente enfeites corporais nas meninas, para ficarem todas bonitas. Antigamente tirava sobranceira depois colocava om eet [cocar], ong kyryk [cocar] e depois colocava sybyk. Assim era o enfeite das meninas. Antigamente a mulher não ficava pelada. Enfeitada ela ficava muito bonita. A mulher não era maltada, caçava com o marido. A mulher não ficava sozinha. Para onde o marido ia, a mulher acompanhava. Depois de engravidar não era mais a mesma coisa, ficava em casa

cuidando das crianças. O marido começava a caçar sozinho, andava só. A mulher que não tinha filho, ficava com o marido, só caçando. Sempre a mulher fazia a palha de tucumã. Toda vez que voltava da caça, eles passavam jenipapo os dois. O homem e a mulher, ficavam todo pintado.

**ED. O marido pintava a mulher?**

**EN.** Não. A pintura era somente entre mulheres que se pintavam. Não podia se aproximar quando elas estavam se pintando. Vou te explicar como que é. Não podiam pintar junto tinha que ser separado do homem. Nem irmã, tio podia se aproximar da pintura do jenipapo. Era muito perigosa, nos víamos os jovens de longe. Escuta amanhã nos vamos fazer pintura, assim dizia os velhos. Acordem cedo vão todos tomar banho. Homens e mulheres acordavam cedo e iam tomar banho. Depois recebiam o fruto do jenipapo dividido entre os homens e mulheres. Era perigoso. Não pode passar junto com o irmão senão branco mata o irmão. A casca do jenipapo da mulher não poderia ficar espalhada pelo chão, pois o homem não podia pisar. O mesmo para as mulheres, era muito perigoso, não podiam espalhar os resíduos do jenipapo. Após terminar toda a pintura, deviam jogar o resto para bem longe onde ninguém pudesse pisar. Depois a mulher fazia chicha com muita alegria, cantava, tocava pilão, colocava colar de dente de macaco, pulseira e cocar. Se enfeitavam toda. Isso era antigamente. Tempo de muita alegria. A mulher não era triste. Não. Ficava só trabalhando, não ficava triste não.

**ED. Como a jovem brincava? E como a jovem brinca?**

**EN.** Brincavam fazendo panela de barro. As meninas brincam entre as meninas. Os meninos brincavam fazendo arco e flecha, tala de palha entre eles. Os meninos faziam replicas de animais e começavam flechar. Os adultos também entravam na brincadeira, começavam a flechar como os meninos. Os adultos ensinavam os jovens. **Eles cresciam com esse conhecimento** de flechar a caça.

**ED. Você estudou alguma vez?**

**EN.** Já estudei, estudei aqui mesmo na aldeia, minha professora era Heloiza depois foi a Elizabete, depois a Raimunda. Só tinha professora mulher. Depois entrou Neto, depois Aurélio e depois Fernando.

**ED. Você gostava de estudar?**

**EN.** Eu só brincava. Nos éramos muito opop pita[ selvagens]. Não tínhamos noção do que era estudar. O estudo era para nos amansar. Entregaram lápis, caderno e ficávamos brincando, fazendo desenho. Depois amarraram, amansaram a gente aí que estudamos de verdade. Dai tivemos o conhecimento e noção das coisas. Aí acabou a escola.

**ED. Você aprendeu alguma coisa?**

**EN.** Sim, sei pouca coisa. Hoje não enxergo mais. Só letras grandes.

**ED. Você gostou de estudar?**

**EN.** Eu gostei muito. Quando estava aprendendo, acabou a escola. A professora sempre dizia: você tem que ler e aprender a escrever.

**ED.** Assim era o costume de antigamente. Como surgiu o pajé antigamente quero saber.

EN: Antigamente os brancos matavam a gente, guerreava. Diz que quando o homem [opop] matava a gente a gente corria pro mato. Ai escureceu o dia. Ai um índio sumiu através da escuridão com o bicho. Assim que surgiu o pajé. Guerrearam com os povos indígenas, correram e escureceu de repente. Na escuridão o bicho [quida] aproveitou para pegar um índio. Um homem sumiu assim que surgiu o pajé.

ED: O branco ou o bicho?

EN: O branco que pegou o índio. O branco levou a gente pra casa. O índio falou para os brancos não fazer mal pra eles. O branco entendia a nossa língua. Assim o branco amansou pra gente, não fez mais mal pra gente.

ED: Índio ou branco

EN: O não indígena.. opop pita. O branco perguntou pro índio onde ele mora, na língua. Eu moro pra cá, cunhado [ysybo]

ED: Em português?

EN: Os brancos falavam na língua. Entendiam a língua. Depois que o branco pegou o indígena o dia clareou e não ficou mais escuro. Ai ele viu os não indígenas. O indígena alisava os brancos dizendo 'não faz isso cunhado'. É assim que o homem branco amansou. Ai o homem perguntou onde ele morava. O indígena respondeu: eu moro lá com meu povo [ypyeso]. O homem branco disse pra ele então ir lá com o seu povo. O não indígena mandou ir embora e mandou pegar terçado, miçanga, panela e roupa. Assim que morreu muita gente, o pessoal mais velho. O não indígena levou de volta para o povo, procurou, procurou e achou. O indígena de volta falou: 'Eu cheguei. O branco me levou. Agora o branco não vai ficar mais brabo com a gente mais não. O homem me deixou no não indígena, no meio dos brancos. Agora os brancos não vai matar a gente mais. Chegando lá, distribuiu as coisas que pegou lá. Um pessoal voltou pra encontrar o não indígena pra pegar mais coisa, assim.... Através desse primeiro homem veio a doença. Esse homem que virou o primeiro pajé. Esse homem através da escuridão que foi pra os brancos, não vai parar de ver esse espírito. Não para de ver o espírito que é assim como Deus.

EL: Esse homem que vai ser pajé agora?

EN: Sim, esse homem que pegou miçanga vai virar pajé. Por que foi pela escuridão que ele foi parar lá no meio dos brancos. Esse vai ficar vendo espírito que nem Deus. Existe também antigamente dupa han [cinza de curupira]. **Dupa han foi embora que através da cinza do curupira comia muita gente e matava cunhado do chefe** ....O chefe aparece como espírito que foi embora como vivo e ninguém vê mais, só o pajé. O pajé imaginava as pessoas que iam chegar na aldeia. Assim que surgiu o pajé. Depois Jopa Parongngã [nome de um índio] virou pajé. Falou: 'Eu vi o pessoal aqui, os brancos.' Ai o pessoal falou: Ei você está virando pajé. Eu estou vendo homem por aqui. Tem gente por aqui. Ai veio o branco. Ai os brancos foram pra aldeia e ele falou: os brancos estão querendo matar a gente. Vamos ver ali. Tinha rastro está embaixo do tronco de árvore. Ai viu os brancos e estes queriam matar ele. Ele então falou: Oi compadre. Assim que surgiu o pajé e não parou mais.

EL: Existia a mulher pajé?

EN: Sim, existia. Minha mãe era pajé. O nome da minha na língua é : Panyaren e Bioro, mãe da irmã dela[ irmã por parte de pai]. Não parava mais. Ficou assim.

EL: Eu estou com dúvida? Os brancos matavam a gente?

EN: Matava e só matava mulher. Os homens corriam. Ai veio a escuridão com a chegada dos brancos. Os brancos tinham raiva da gente. Para os brancos amansar os espíritos levaram o índio pro meio dos brancos ai esse pajé conversou com os brancos. Para os brancos conhecerem a gente, para o branco não matar mais a gente. Esse índio conversou com os brancos pra eles não ficarem brabos com a gente.

### **Dezembro de 2016.**

Edelaine : Que tamanho para de chamar criança de criança (õwã)

Enedina falou de que do tamanho da Vitória não chama mais de criança, chama de jonso sin Quer dizer Menina (só para mulher) Para homem seria taso sin (menino)]

Enedina: A gente chama a criança de m'aina

Edelaine:Tanto faz para menino e menina?

Enedina: Tanto faz para homem e para mulher, quando já está grande.

Edelaine: Quando está do tamanho do meu filho?

Enedina: Taso o'it para jovem homem . Jonso o'it

[Observação da Edelaine: Enedina falou que quando a criança é pequena é õwãe. Mudou o que tinha falado.]

Enedina: A menina enquanto não se formou ainda.Quando se forma não é criança mais. A mesma coisa é homem. Quando cresce os genitais. Quando a mulher se formar, quando estiver *a'bma* é quando a mulher não é mais virgem, não é mais criança, é janso o'it. Quando estiver *apyng* (pênis adulto). Depois que encontrar a mulher não é mais criança.

Edelaine: Só o pai que dá conselho pros filhos ou outras pessoas também?

Enedina: O pai e a mãe...o pai dão conselho para todos juntos, o pessoal mais velho também dá conselho.Não é apenas individual. Hoje não faz isso mais por isso não obedecem o pessoal mais velho. Primeiro o pai dá o conselho sozinho, a mãe também. As mulheres mais velhas também dão conselho. Assim que é nossa cultura. Se a gente é muito teimoso, muito mal educado ai a mulher mais velha vai pro mato e pegar as coisas para dar castigo. Pega alguma coisa para fazer. Folha, talha de palha para pintar e manda fazer peneiro, mererã (objeto para coar). É castigo mandar fazer. Isso é castigo pra nós. Ela manda ela fazer. Esse castigo é só para mulher, quando responde, ai manda fazer. Isso não é de homem.

Edelaine: As coisas que mulher faz o homem faz?

Enedina: O homem faz é paneiro, arco, flecha, epa, pilão, colher grande tudo é de homem.

Edelaine: Como era a música do osiip?Como que canta? Sobre o que ele canta?

Enedina: Fala sobre caça, sobre paneiro de homem para carregar caça... Canta sobre isso aí...Eu não consigo cantar porque me deixa cansada. Antes dele cantar ele precisa ajudar o *osiip*, o cipó, pega o *osiip sowantã*, depois de juntar todo esse *osiip* (planta) , juntar todo remédio, cozinhar. Depois disso é que tem que cantar. Tem *osiip* na aldeia e passa. Depois que passa canta sobre *osiip*. [ Enedina canta] A música fala sobre caça do macaco, macaco preto, nabu (galinha)...'A gente vai trazer macaco no paneiro, mutum,macaco prego, nabu azul...'. Caçador mesmo é quem mata macaco.

Edelaine: Esse *osiip* é só para caça?

Enedina: Esse é só para caça, ser caçador, matar a caça...Assim que é a música da caça. Rim Hyryjã (Música da Caça) Tem que cantar sobre macaco, sobre mutum.... Assim tem que cantar. Só esse daí que eu sei cantar. Antes disso, depois que cozinhar, depois que cantar, tem que passar *osiip* no corpo todo, como massagem, tem que passar no corpo todo.Não pode ficar perto de mulher. Cada um fica separado, onde eles passam *osiip*. Eles matam a caça para eles comerem. A mulher nova que faz a comida deles.A mulher pura, que é virgem. Quando a criança fica doente o pai faz '*ep asodna*', é tipo *osiip* também. Depois a criança melhora.

Edelaine: Tem a música para a criança?

Enedina: Tem que canta sobre '*ep asodna*'. Canta e a criança melhora. Esse aí que é nosso remédio tempo. Passa esse remédio embaixo da árvore. Dorme embaixo do '*ep oket*'. Esse '*ep asodna*' é para doença. Quando a criança ou homem se tiver doença passa isso daí Mulher ou homem.

Edelaine: Como é a musica desse *osiip* aí?

Enedina: Esqueci

Edelaine: Essa música desse *osiip* aí parece a música da caça?

Enedina: Não é igual. É diferente. Disse que não lembrava como cantar. [ mas depois cantou] Para nós a Arara é sagrada porque ela é livre. Curica e papagaio também. Canta sobre papagaio, arara e curica. Canta assim: 'Vai embora doença.' Assopra entre as mãos e depois canta: Arara leva a doença. Urut Urut (imitação do som feito pela arara) vai fazer isso para salvar o meu filho. Urum Urum (imitação do som feito pela curica) vai fazer isso para salvar o meu filho. Cantando assim vai apertando a criança e passando o remédio tradicional.

Edelaine: Como canta?

Enedina:Isso é para sarar a doença. Assim que a gente fazia antigamente para doença e não faz mais agora.

Edelaine: O castigo de homem é o mesmo para mulher?

Enedina: É mais pesado para mulher porque a gente antigamente nos não eramos assim. Agora a gente está casando com quem a gente quiser. Antigamente não era assim. Falavamos pra criança que não pode andar ou chegar perto do homem. Era obrigada a casar com pessoa que não queria. Mesmo a mulher não querendo casar tinha que casar.Se o homem não mata nada , se não tem nem dente de macaco, não pode casar. Hoje é que nem ter estudo. A mãe fala: você nem fez dente de macaco pra eu colocar no pescoço e na cintura. Fazer colar. Esse que é o conselho para o menino. Agora para o menina a gente fala para não chegar perto do homem, se não vai se formar, tirar

virgindade quando é solteira. Se fizer isso a gente vai levar para castigar. Num buraco para fazer osiip. Num buraco de marimbondo. A criança fica com medo e não faz. Antigamente não tirava virgindade antes de casar. Quando a criança é teimosa pode bater com cipó. Se não conseguir fazer paneiro ou outras tarefas que mandam batem na mão e na cara com a mão.

Edelaine: Tinha casa específica para ensinar as meninas?

Enedina: Onde faz peneiro é separado. Lá não pode pisar o homem. Não pode pisar no resto de palha, da tinta... Faz mal pro homem. Tudo misturado com jenipapo. [ Pra nós jenipapo é só pra mulher. Jenipapo que a mulher o homem próximo pode passar, parente não pode porque vai morrer ou branco vai matar ele por isso homem não pode passar lá. Pode passar no marido, porque ele não é nada pra mim. Nem urucum pode. A família não pode pintar]] Antigamente eu tinha medo. Antigamente o jenipapo não podia chegar pertinho do irmão. Agora é tudo normal. Eu tinha medo tempo. [ A gente não acredita mais] Por isso onde os homens fazem artesanato é separado. [ se a mulher entra na casa de pintura do homem o que acontece]]]

Edelaine: Como que era pajé mulher e homem É igual?

Enedina: Era igual mas meu pai era pajé. Dysyngng Bioro era pajé mulher era igual.

Edelaine: Então é igual.

Enedina: Pois é , meu pai era um pouco diferente. Meu pai fez as coisas que não faz e que o irmão dele não acreditava, dizia que era mentira e mandava ele fazer isso daqui. O irmão dele mandou fazer tipo um boneco de madeira branca. Pensou que não fazia e ele fez. Ninguém fazia. O pessoal contou que ele fazia coisas diferentes. Fez na frente dele. Ai ele acreditou por que ele fez na frente dele então o irmão acreditou. Assim que é o pajé. Minha mãe fazia como pedra. Aparecia cada tipo de pedra, colorida, branco, vermelha. As pedras estão na aldeia. Eram da minha mãe. [ A mãe dela era pajé e fazia pedras coloridas: vermelho, preto, cada cor aparece, mudando de cor. Para curar. PROCURAR NA ALDEIA. As pedras ficam guardadas no balaio. As pedras ficam guardadas no cesto no alto da casa. Antigamente Só ela que tinha. Não pode distribuir. ] Agora não cuida mais do cesto. Tá pendurado na casa do Cizino. [ Ela é irmã do Cizino. Cizino casou com a irmã.] Eu acredito nisso dai porque eu conheço. Eu vi. Isso daí é verdade por isso eu falei para não falar mal deles. Existe esses outros Deuses. Existe Byyj. Eu que vi o Deus daqui, por isso eu falo pra você não ficar falando deles. Ele também parece Deus de cima, que está lá no céu. Aquele que foi embora vivo e não morreu. Ele falou pros homens : vamos matar/queimar o curupira. Ai todo mundo foi. Ai foram pra queimar. Queimou o tronco e arvore caiu. Curupira morreu. O homem falou: não vai pegar as cinzas. O pessoal teimoso pegou as cinzas. Antes de fazer mal para o Byyj, tentou com o macaco. O homem teimoso passou as cinzas do curupira, ficou invisível e matou o macaco. E chegaram lá com caça. O homem teimoso viu o Byyj junto com sua mulher. Passou nele e também passou na mulher. Ai Byyj foi embora vivo e levou as cinzas e disse que ele que ia ficar invisível. Levou todas as cinzas. Vive até hoje no mato. O pai dele procurou 3 vezes. Na 3ª vez ele disse que não voltaria mais. Ele matava gente. Por isso quando se faz festa não pode transar senão ele mata. A pessoa que transa não pode fazer festa. Pessoa que tá menstruada não pode fazer.

Edelaine: Eu quero saber só a diferença.

Enedina:Antigamente a gente transformava [ em animais] muito. Antigamente a gente tinha outro Byyj. O filho foi embora e se transformou em passarinho porque o pai disse que ele não era filho dele. O beija-flor é filho do chefe, Byyj.

Edelaine: Byyj é para qualquer pessoa, é espírito

Enedina: Não, Byyj a gente fala para aquele que foi vivo. O Byyj é que faz a gente não fazer besteira na festa tradicional. Quando faz medicina não pode fazer nada de namorar e se acontecer, ele faz pessoa adoecer. Quando ele foi embora, quando o pai dele o viu pela terceira e ultima vez ele avisou tudo sobre cada tipo: festa tradicional, medicina...Ele matou a mulher dele. Parecia alguém vivo, invisível e batendo nela. Quando acontecia de transar antes da festa, fazer besteira, ele matava.Ele puxava o cabelo do meio. Parecia gente puxando. Desde aquele tempo a gente não pode fazer mais isso. Por isso a gente respeita a nossa festa.

Edelaine: Como tu acha agora a escola?

Enedin. Antigamente não era assim. Não estudava. A casa era separada para fazer artesanato

Edelaine: Como a gente aprende a fazer chicha?

Enedina: A mãe da gente ensina a fazer chicha.Quem deixou isso pra nós é a mulher de Deus. Tobot, mulher de Deus do céu, Botyj. Fazer paneiro, sepá, balaio...tudo foi ela que ensinou e mãe que ensina pra gente. A mãe da gente que ensina a gente se pintar e fazer algodão. Depois que a gente aprendeu a pintar, a gente mesma se pinta.

Edelaine: A gente aprende adulta?

Enedina:Não, a gente vai aprendendo desde grandinha [mostra uma altura de 1metro com as mãos]. Aprendendo a gente vai fazendo sozinha tempo. Agora não é mais nada assim. Quando a gente é pequena, a mãe da gente ensina, manda a gente fazer comida, pamonha, chicha então a gente vai fazendo e vai aprendendo. A mãe ensina tudo. Plantar amendoim, milho... Todas as coisas a gente aprende pela mãe.

Edelaine: Então é assim. A gente não aprende pelo sonho não.

Enedina: Não. Pois é que assim que Deus Botyj deixou pra gente. Ele ensinou tudo e ai foi embora. A gente não faz mais o que ele deixou. Ele deixou festa da chicha, da caça, todas essas coisas ele deixou e a gente não faz mais. Ele disse:eu vou embora. Vocês não vão esquecer as coisas que eu fiz pra vocês. Vocês continuem. Deus falou pra nós. A gente que fazia comida pra nosso irmão, dava comida pro nosso primo, tio. A gente assava pamonha, macaxeira e depois dava. Assim que a gente fazia antigamente.

### **Entrevista com Maria Rosa Karitiana( mãe)**

#### **Outubro de 2016**

EL: Como era a educação antes do contato?

MR: Antigamente a educação para o menino era *osiip* . Para o menino *horom am kajã ak* [respeitar] a gente é *osiip*. Antigamente o menino não podia casar sem matar a caça, só pode casar depois. Por isso, tem que passar *osiip* para matar a caça. Depois que matar

a caça, ele casa. Antigamente a criança não pode *sikirip* [fazer coisa errada, ser safado]. Para criança não ser *sikirip* precisa passar pela *osiip*. Assim que a gente faz o jovem respeitar a gente. Assim que faz com a menina também. A educação vem de *yjpit* [dentro da gente ou de dentro de casa]. " *Ypit na yryt ōwã bysykna*" [ Na gente que veio a educação das crianças. Maria Rosa tocou no corpo no peito]. Quando o menino é safado leva marimbondo, passar marimbondo em todos meninos. Pegar ninho de abelha e botar no peito. Assim que se respeita os adultos. Não pode nem responder o mais velho.

Mulher . Você não pode **responder** , retrucar ser grosso a pessoa mais velha que você, a mais nova pode. Antigamente a gente tinha que ficar com o conselho do pessoal mais velho. A gente não fica com o **pensamento** da gente *Yjkoro tyt yt kipadni keep*. [Eu não vou fazer o que eu quero] Por isso que a gente respeita as pessoas porque a gente fica com o conselho do pai e da mãe. A mesma coisa as meninas. Antigamente não podia ser solteira. Não podia transar sem casar, nem engravidar, nem perder a virgindade. Não podia escolher o homem, nem o homem escolher a mulher. [ eu não gosto disso não] O pai que prometia e mandava casar. Tem que respeitar a mãe e pai tem que mandar casar. Antigamente não casava porque gostava, não era escolha dela.

EL: Quando a criança tira virgindade solteira, o que fazia?

MR: Antigamente a criança não perdia a virgindade solteira não. O marido da mulher que tirava...A viúva casava com o marido de outra. A menina virgem também podia se casar com o marido de outra mulher. Nunca antigamente a menina ficou grávida solteira, mas agora não está como antigamente mudou muito. Só depois de casamento tem que tirar a virgindade. Agora não existe isso mais não. Está casando, se junta. Antigamente, quando não tinha pai, o irmão que mandava casar. A gente que dá conselho pra menina, pra dar as coisas pro irmão dela. Pamonha assada, macaxeira assada...

EL: Como que é o menino?

MR: O menino mata a caça. Tem que dar caça pra irmã. Não pode ficar sem dar a caça. Mesmo casado tem que dar carne pra irmã. Não pode ficar sem dar. Assim que era o respeito (português) antigamente. Respeito pra gente é: *Horam Kajá ak*. Assim que o irmão gosta da irmã. A anta tem que dividir pra todo mundo. [ porque é caça grande] Antigamente homem que não caçava não casava. Antigamente existia homem que não matava caça, que se chamavam ***Poharawa e Ponom*** que não conseguiam matar a caça então não casaram.

EL: Como as crianças brincavam antigamente?

MR: Antigamente as crianças, os homens cortavam o pé de banana e colocavam em pé. Ali que eles flechavam.

EL: Flecha de verdade?

MR: De verdade. Taso sota [os homens adultos] flechavam numa flecha normal, mas as crianças flechavam com flechavam com *poj*. As crianças pegavam cipo e faziam formas de animais para flechar como porco, anta...Colocava em pé e deixava lá pra flechar.



EL: Como as meninas brincavam?

MR: As meninas faziam comida, assavam, batata, faziam as coisas e depois que aprontavam, davam a comida pro irmão. Assim que as meninas brincavam. (poma)

EL: Quem ensinava?

MR: Os pais que ensinam os meninos e as mães as meninas. Pai mandava caçar , pescar. Mãe que mandava a menina fazer comida. Ensinava dar comida pro irmão. Mandar fazer chicha, assim que a menina faz as coisas. Mandava cantar pro irmão.

EL: A mãe que ensinava a menina a cantar?

MR: A mãe ensina a menina a cantar pro irmão quando ia dar chicha. E o irmão cantava também como resposta. E depois que a menina der a chicha, ele vai contribuir caçando pra ela. A gente tem que dar coisa pro irmão da gente. Assim que a gente dá conselho pra moça. Assim que a futura sogra faz com o futuro genro. O sogro canta pro genro, mas não dá chicha. A mesma coisa que canta. Jeito igual, mas não é a mesma música. Assim que a gente faz pro casamento, faz pro irmão. A gente faz o algodão pro irmão da gente. O irmão da gente dá sysyno pra nós pra fazermos algodão. Esse é o sinal que está pedindo algodão. Sysyno comprido é sinal que está pedindo rede. Sysyno menor está pedindo algodão. Eu tenho que saber. O pequeno é pra fazer dente de macaco, pra fazer colar de macaco, rede de macaco. Se irmão dá Sysyno , tem que dar linha pra ele. Se irmão dá paneiro, tem que dar batata, pamonha... O sinal é ele quem dá pra gente. Irmão distribui paneiro pra cada irmã e ele que planta batata [ohy] pra gente colher, faz roçado grande, ai faz paneira para cada irmã [ mesmo depois de casado] O irmão leva a irmã pro roçado dele

EL: Quem fazia o paneiro antigamente?

MR: Quem fazia era o homem, não a mulher. Fazia paneiro pra irmã e pra mulher dele. [ Hoje mais a mulher que faz. Antigamente era diferente , era bonito/bom. Homem que fazia pra tirar batata. Depois que a gente vai pro roçado, depois que aprontar a gente tinha que dar pro irmão da gente. Meu sobrinho fez isso conosco nesses tempos.Foi bom. Deu paneiro pra colher milho. Assim como antigamente. O irmão que foi pro roçado e cada irmã vai trazendo pra ele, enche o cesto dele., o balaio. Levam as comidas já cozidas. Antigamente a gente não podia responder o pessoal mais velho. Davam conselho pras crianças pra não responder o pessoal mais velho. Hoje não dão mais conselho e ai estão assim agora. Não podia nem peidar na frente das pessoas. Era sikipip [falta de educação] .Nem peidar na frente do irmão ou perto senão eu tenho que fazer chicha. Nem o irmão peidar na frente da irmã senão tem que dar caça.

## **Dezembro de 2016**

Edelaine: Sobre criança...Até quando fala owã?

Mãe: Fala até crescer. Quando é nosso filho é criança. Quando grande fala jovem taso o'it, as vezes.

Edelaine: Só a mãe e o pai que dá conselho pros filhos?

Mãe: Quem dá conselho primeiro é a mãe, mas se o menino passar do limite da mãe aí a mãe fala pro pai que o menino não está obedecendo então o pai é mais grosso que a mãe. Ele diz: 'você não pode fazer isso, não pode responder'. Se a criança fizer, é problema. Tem que dar conselho. Se não obedecer, fala pro pai, que dá mais medo e dá mais bronca: 'você tem que respeitar os outros.' Pra nós se o meu filho mexeu com o filho das outras, se tirar cabaço, dá vergonha. Se fizer isso dá problema pra gente. O menino obediente pega o conselho do outro.

Edelaine: Você sabe a música do *osiip*?

Mãe: Só sei o do *pyrok* (abelha) e da *cotia*. 'Cam Cam [som da *cutia*] vai fazer...' O homem mais velho que fica cantando para o pessoal que está fazendo *osiip* também. É a música da *Cotia*. Quem sabe cantar é o teu tio.

Edelaine: Como que é a música da *chicha*? Quando faz a *chicha* pro irmão? Como canta?

Mãe: Se fizer *chicha* canta tipo **cântico**. Fica falando e o irmão fica respondendo. " A *chicha* terminou', Fica cantando, falando sobre porco...

Edelaine: Só porco?

Mãe: Sim, só o porco. Quando termina a *chicha*, ele vai matar. *Chicha* é que nem lama, como poesia que tem que cantar: 'meu irmão a *chicha* não presta, derrama o meu...' O irmão responde: 'mesmo não prestando eu vou tomar...' *Chicha* é como lama, vai derramando, vai tomando.

Edelaine: Como era o castigo do menino? Era *osiip*?

Mãe: Sim.

Edelaine: E castigo de menina como era?

Mãe: Dar conselho, conversar com elas. Quando não obedecer tem que bater. Não podia deixar ficar andando à toa. Castigo de menina é cesto. Se ficar teimosa, para menina ficar parada é cesto. Peneira é mais castigo. Balaio é só para ensinar e quando anda muito dá balaio pra fazer.

Edelaine: Tinha castigo de menina como menino? *Osiip*?

Mãe: Não sei. Não tem não.

Edelaine: Tem casa pra menina fazer coisas dela?

Mãe: Tem. Eu sei onde faz a cerâmica. Tinha um lugar onde fazia cerâmica. Onde faz a cerâmica não fazia cestaria. Faz longe porque é perigoso. Fazer cestaria é perigoso por causa do *jenipapo*. Quando irmão da gente pisa, machuca. Qualquer coisa acontece.

Edelaine: A mulher que furava dente de macaco?

Mãe: Não. Isso é trabalho de homem. Furar dente de macaco, fazer arco e flecha.

Edelaine: Existe a mulher *pajé*?

Mãe: Existe. O primeiro *pajé* mulher era mãe do *Cizino*.

Edelaine: Era boa mulher *pajé*?

Mãe: Sim. Era. Ela fazia cada tipo de batata. Eu não vi mulher pajé ruim não. Tua vó também era pajé. Ela fazia remédio tradicional. O remédio aparecia na mão dela. Ela fazia o bem. Existe homem também mas só que homem o coração do homem é muito mal.

Edelaine: O que acha da escola não indígena?

Mãe: A nossa escola é assim a gente faz tempo. Tem a pessoa que ensina. A gente ensina os alunos também. A aula é como atividade. Fazer balaio. Assim também a gente fazia tempo/antigamente. A gente não dava aula. A mesma coisa a gente fazia com essas coisas como balaio. Assim os brancos fazem na escrita. Ensinando...chicha, paneiro, coisas que ensina.

Edelaine: Como a gente aprende a fazer chicha?

Mãe:A gente aprende com a mãe da gente e faz junto. A mãe manda a filha fazer a chicha e vai acompanhando. Antigamente a chicha não era de macaxeira. Agora estão fazendo. Antes fazia de milho, a chicha natural, de verdade. Antigamente a chicha de mandioca a gente falava que não podia tomar, falava que quando tomava ficava PANEMA então não mata mais caça. Só homem. Agora toma normal. Assim aprende o jovem. Só mulher que faz chicha.

Edelaine: Como a gente aprende a fazer o cesto? É ensinando?

Mãe: Aprende com a mãe, se a mãe não souber o pessoal que sabe ensina a gente. Faz junto. A folha de palha fica no colo de quem está aprendendo e a pessoa vai ensinando. Assim também se ensina a fazer peneiro. Rede também.A gente faz junto. O mais pesado, o mais difícil é o cesto. Se a gente não souber, tem que continuar fazendo até aprender. Faz de novo outro até aprender.

Edelaine:A pintura aprende assim como faz o cesto?

Mãe: Pintura a gente aprende olhando porque a pessoa que sabe pintar direito pinta a gente. Assim que aprende.

Edelaine: Aprende pelo sonho?

Mãe: Não, aprende fazendo mesmo. O pessoal mais velho que ensina a gente.

### **Entrevista dom Francisco Delgado Karitiana(tio)**

Edelaine: Como a criança brincava antigamente?

Tio: Brincava todo mundo junto. Menina e menino. Chama todo mundo. Brinca de caçar. Brinca como casado. Os homens fazem tipo caça de folha. Amarra como macaco e coloca no galho pra flechar. Meninas na casa. Faz uma casinha pra esperar o macaco. Um rapaz maior brincava com eles. Assim que a gente brincava na aldeia Pyotip.Matava piabinha para brincar.

Edelaine: Como respeitava as pessoas?

Tio: Isso é diferente. Eu tenho tio, mãe, tem que conhecer, respeitar (hot am Kaj ak) O homem quando tem família faz roçado (outra palavra) grande e depois que terminar tudo faz o paneiro. Ai tá pronto. Milho grande dá pra colher. Faz um monte de paneiro e dá pra irmã, primo, prima.. Dá tudo pros parentes. Ai distribui. Avisa pra irmã que pode

pegar. Só as mulheres que vão colher. Ele faz o paneiro para colher. Colher só pra comer. O irmão que manda pegar pra comer. A família faz comida, pamonha, chicha...Depois que pegar tudo, cada pessoa que ele deu, que foi no roçado, dá coisa pra ele comer:chicha,pamonha, canjica.... Dá tudo. Assim que a gente sabe quem é família da gente, conhece e respeita. As irmãs que faz primeiro, que dão as coisas que fazem. Depois quando estiver com fome, ela fala pro irmão dela: eu vou fazer chicha pra você. A irmã pede pra ele: vou fazer chicha pra você - pode ser irmão, tio...Canta, faz a música(Ehet). É o sinal que ela tá pedindo caça pra ele. Depois de terminar de fazer chicha, o irmão, de manhã cedo, vai pegar caça. Se for bicho pequeno, só mata 10.Se matar só porco, quem vale mais é a cabeça, porque porco é grande então mata só um. Se matar caça pequena 10 (português).Como macaco. Se for porco **paga (ihot pibotyt - devolver)** tudo . Dá só a coxa e a cabeça. Assim que é o respeito. Quando a gente *sodyp* (conhecer) o irmão da gente. Quando a gente é safado não é assim, não faz isso. Se a gente é safado(mal educado a gente apanha. Ficar a toa, fazendo nada. Isso não é respeito. Se fizer algo escondido, coisas que não gostam, apanha. Se ela falar pra gente, a genteestásabendo. Conta então não apanha. Dá castigo pra menina, não deixa levantar deixa pra fazer balaio e cesto. Isso é castigo. Castigo mesmo é o peneiro. Um peneiro fino e o peneiro grosso. Cada tipo de desenho. Não pode nem ficar safado. Vi o castigo da minha mãe. Ela teve que fazer meryrã, peneiro.É como escrita grossa, escrita fina. Paneiro grosso e paneiro fino. A minha avó castigou a minha mãe.

Edelaine: E castigo de homem?

Tio: É caba. Abelha. Manda fazer arco, flecha. Agora as crianças não sabem fazer. O que tinha mais medo era caba tempo. O homem que passou a prova, esse aí que chamou as pessoas pra fazer osiip: 'Vamos ir no marimbondo'.E aí todo mundo foi pra lá. Esse daí é aquele que passou. Ele que fica no meio pra levar o pessoal, diz : 'Vocês vão fazer isso. [ Ele é sotá, aquele que fez/passou] . A mulher não fica no meio, mas eu escutei que antigamente a filha do Byit passou tempo. Só ouvi falar. Quando via o marimbondo ficavam alegres pra fazer. O homem fica no meio para os meninos não correrem. Esse aí é que é castigo mesmo. Eu não passei esse tipo de castigo porque naquele tempo era pequeno. Quem passou foi meu irmão. Passou só um resto de osiip.O marimbondo não ferrou ele não. O pessoa mandou fazer flecha e arco como castigo. Essa pessoa que está mandando é caçador, é que mata mesmo e passou por tudo. Ele que manda que nem prova. Tipo prova da escola. [ Fala em português: prova horot].

Edelaine: Esse castigo é osiip?

Tio: É ossip.

Edelaine: Aqueles que passaram ficam no meio? Ele que comandam?

Tio: Sim, eles que ficam no meio, aqueles que passaram. Quando a gente vai na prova do marimbondo não pode correr. É bonito. O pessoal fica gritando. Os homens mais velhos, adulto ficam parados também. As crianças ficam gritando. De noite tem que cortar pra abrir beiju de caba e de manhã tem que lá pra tirar e passar no corpo. Aí caba ataca e as crianças gritam. Não pode comer. No dia anterior, dorme sem comer. No outro dia pode comer. Marimbondo preto não doi não. O que doi é o vermelho. O preto dói uns 30 minutos. O vermelho dói mais. Só pode comer milho torrado e chicha. Depois de 3 dias vão dormir no mata pra caçar e matam passarinho pra comer. As crianças não ficavam em casa não. As 6 horas chegam e vão comer: pamonha, batata...Pode comer durante o osiip: pamonha assada embaixo das cinzas, macaxeira assada, amendoim, 'soj sara'...Comem as pessoas que estão sendo castigadas no osiip.

Edelaine: Eu nunca tinha ouvido essa pergunta. Esse 'soj sara' é o que?

Tio: É tipo um mingau. Tipo canjica mas faz com milho misturado com amendoim. É a comida da pessoa que passa pela osiip. Assim que é castigo. A mulher apanha, o homem também.

Edelaine: O castigo da mulher é a mesma coisa do menino?

Tio: É. O castigo da menina é formiga. A formiga ardida. Se a menina ficar safada manda colocar a mão da menina dentro. Manda fazer algodão, rede, balaios e cesta. Não é porque tá com raiva. Eles mandam fazer pra elas sentarem. Isso que é castigo. Faz sentar e as meninas não andam não.

Edelaine: Tem a casa delas separada?

Tio: Tem. Tem casa grande: *akapa*. Casa das mulheres fazerem as coisas delas. A casa dos homens é separado: *akapa*. É lá que elas entram, ficam todas sentadas *pytim adna* (fazendo). Parece estudo. Cada pessoa tem tipo um sabedor. Cada pessoa fica ensinando. O homem é a mesma coisa. A gente que ensina o filho da gente, manda fazer flecha, arco. [Francisco estende o braço. Ele mostra como faz para furar dente de macaco e enfiar da ponta do dedo até um palmo do antebraço.] Depois que completa, põe o colar no pescoço. Aqui está pronto o dente. O pai ensina a trançar, colocar e até aqui fica pronto [metade do antebraço]. O filho fica olhando. Depois que ensina tudo, o pai manda fazer. Isso tem que ensinar para os alunos hoje e não estão ensinando. O sabedor da escola está ensinando tipo português, tem que ensinar cultura, fazendo do tipo dos antigos. A pessoa que sabe fazer isso pode ser de cultura. Isso tem que ensinar aluno. E assim a mulher também. Tem mulher que faz peneiro e cesto. A mesma coisa é a mulher. Primeiro tem que fazer o 'ejyp wety' [nome de uma pintura corporal] depois tem que fazer 'ejyp wep i' [nome de uma pintura corporal]. Todas as mulheres fazendo primeiro, depois todo mundo fazendo o 'ejyp wep i' também. Que nem professor tempo\antigamente, também é mulher. O homem só faz arco e flecha e osiip.

Edelaine: Owã até quando chama assim?

Tio: O filho da gente é criança. A gente é o pai dele. Até grande. Até morrer. Owã kerep tyka (criança crescida). Só filho da gente.

Edelaine: Quem dá conselho pro filho? Só a gente que dá?

Tio: É assim: a mãe que dá conselho primeiro pros filhos. Se passar por cima da mãe, aí o pai que dá conselho. A mulher do homem que fala pro marido: Ow~e [palavra que mulher chama o homem]: o menino está passando do limite e agora é tua vez de conversar com ele. Aí o pai vai dar bronca nele. A gente que dá conselho pro filho da gente: não pode fazer isso, não pode ... não pode responder a mãe. Fala sobre todas as coisas que fez. Se ele fez muito errado o mais velho da família fala com ele, uma pessoa que não faz errado. Pode ser tio, avô... Tanto homem como mulher. Não tem diferença não, sobrinha. O conselho não tem diferença. O tio dá conselho pra gente quando faz a família ter vergonha. Não são outras pessoas que dão conselho, não. É a família. Antigamente a gente não plantava poucas plantas: batata, mandioca, milho... Nós comíamos todos juntos. Por isso a gente mandava parente buscar comida no roçado. Não era assim antigamente não. Comíamos todos juntos. Eram todos alegres antigamente. As mulheres iam todas juntas pegar macaxeira e comida no roçado. Era assim que a gente vivia antigamente. Por isso que cada comida chegava na gente. Assim

que a gente conhece o irmão da gente, o tio, o sobrinho. Hoje a gente não conhece mais. Não fala com sobrinho, prima... Não conhece mais a família.

Edelaine: Agora sobre pajé...Tio como que surgiu o pajé?

[[ Eu nunca tinha escutado isso daí]]].

Tio: Sobrinha, não existia pajé. Surgiu através das cinzas do Dupá [Curupira]. Assim que surgiu o pajé. Fala com a tua mãe então. Vamos conversar sobre isso daí. Antigamente o Dupá matava muita gente. Quando homem caçava, não voltava porque o Dupá matava. Tinha Byyj, que era chefe. Ai tinha um homem, que era cunhado[ casado com a irmã] do Byyj. Diz que ele falou pro Byyj: 'Cunhado, eu que vou atrás do Dupá, eu que vou esperar.Eu vou dar comida pro curupira. Eu vou achar onde o curupira vive. ' Ele foi lá onde Dupá está. Dupá estava matando muita gente. Ele foi e achou onde o Dupá tava tomava água, onde podia esperar. Ele dava água de coco. Dupá bebia diferente. Fazia muito barulho. Ai o homem fez uma isca. Ai Dupá tomou. Fez de novo. Dupá tomou de novo. O homem pensou: 'Agora vai ser eu. Eu vou ser a isca.' Colocou as coisas podre, cocô, milho podre...Ficou tipo morto e foi pra lá Ai o Dupá vai pensar que ele estava morto.Subiu em cima de uma árvore pequena e parecia que tinha pulado da arvore. Assim que ele caiu o Dupá chegou. O que aconteceu?, falou curupira. 'Ta vendo, subiu na arvore, tocadeira mordei, caiu e morreu', disse. Dupá falava diferente. Não fala que nem a gente.[ O tio também falou com uma voz de Dupá] Ai Dupá pegou o homem e carregou nos ombros. O homem fez isso pra saber onde curupira morava. Dupá carregou no ombro, parecia morto. Quando ele tava carregando, estava quebrando as folhas pra saber o caminho, para quando ele chegasse lá na casa do Dupá saber como voltar. Dupá jogou o homem no chão. Ai Dupá falou pro filho dele: 'Vai buscar a trosekip [faca na língua do Dupá]. O filho dele foi procurar e não achou. Sorte do homem. 'Papai não tem não', falou o filho. 'Vai procurar lá', falou Dupá. Era o poder do homem, cunhado de Byyj. Sorte dele que o filho não achou a faca. Não achou por conta do poder [portugues]do Byyj. Ai o homem estava com uma flauta na mão. O Dupá foi lá procurar a faca [ponta da flecha]. Ai foi lá. Disse que ele olhou. O homem viu onde eles moravam, viu o buraco. Pegou a flauta, fez um embrulho de palha e fez barulho. Quando fez isso, os Dupá ficaram desmaiados. O cunhado Byyj correu e chegou lá com Byyj e disse: 'Eu achei cunhado. Todos os Dupá estão desmaiados'. Ele correu. Assim acharam o lugar do Dupá. Assim que mataram Dupá. Agora nos vamos matar eles. Assim que pegaram as cinzas do curupira. Depois de três dias foram pra matar. Pra botar fogo no buraco. De dia foram matar, colocar fogo no oco do pau onde Dupá morava. Ele fazia flauta. O pessoal assobiava. Assoprava. Ai que os Dupá se juntaram e entraram tudo no buraco . Então o pessoal aproveitou e botou fogo pra queimar. Ai acendeu um monte e cada Dupá ia caindo. Quando queimou um monte, o Byyj falou: ' Não mexe não.' O pessoal disse: 'Ta bom. E Byyj : 'Nos vamos pegar tudo junto.' Ele creditou que os outros não iam pegar, mas eles pegaram as cinzas sem permissão do Byyj. Pegaram escondido.

Edelaine: Cinzas que deixam a gente invisível? O osso de Dupá deixam invisível?

Tio: É. Cinza de Dupá. Sem a permissão do Byyj pegaram. Ai 2 pegaram: 'Vamos tentar'. Passaram. Entre os braços e no meio do peito. Vamos tentar. Ai eles viram invisíveis só entre eles. Depois falaram assim: 'Vamos transar com a mulher do Byyj.' Ai os dois viram macaco preto. Ai Byyj descobriu quando eles mataram macaco preto pertinho dele quando estavam invisíveis.

### **Entrevista com Dirceu Valter Karitiana (tio)**

Edelaine: Eu to fazendo pesquisa [português] sobre nossa kerep yjki (educação de antigamente). Como era a educação?

Tio: A gente não deixava a criança. A gente õwã opika [dava conselho] desde pequeno sobre as coisas que é hãrāj [bom]. Não deixava criança andar à noite. Andar na casa dos outros. Não deixava sair perto da gente. Por isso obedeciam a gente. Se ficar longe, não obedecem. A gente não podia brigar na frente da criança, fazer besteira.... Se fizer, a criança aprende. A gente tem que só falar as coisas boas e ai a criança aprende as coisas boas. Assim que a gente dá conselho pra criança. A mãe que dá conselho. Quando passar por cima da mãe, ai que o pai vai por cima dele.

Edelaine: Conselho para menino é a mesma coisa que para menina?

#### **PAREI AQUI**

Tio: Não, é diferente. A mãe que dá conselho pra menina, sobre as coisas de mulher. O pai não entra no meio. Se não acreditar/obedecer da mãe, o pai vai entrar no meio.

Quando você dá conselho pra criança, deixa a criança sentar e ouvir: ' Por que está fazendo isso...Por que tu fez isso, isso , isso...?' Tem que falar pra criança. Pra ele escutar mesmo. Não pode ficar teimando.

O menino homem é diferente que a menina porque é mais levado. A menina não é tão complicado, tão ignorante. A mesma coisa pro menino homem: 'Não pode fazer isso. Não mexer na mulher do outro.'

Dá conselho e ai a criança escuta. Não pode tá brigando, Estáfalando besteira senão ele vai yjaka ataka ot õwã [ pegar o ritmo da gente = yjaka(tem) ataka ot (pegar e cair). Como na música.] . Se a gente viver bem, ela pegar o ritmo que a gente vive. Assim tu vai fazer pro teu filho. Tu vai ensinar como viver, como conhecer a família dele, irmã dele, prima, prima de longe. Ai ele vai conhecer a família dele. [ Não pode namorar com prima de perto] Desde criança tem que ensinar da família dele. Ai que vai conhecer a família dele. Conhecer a pessoa que não é nada pra ele, não é parente. Assim que é a educação pra gente. A gente não pode deixar a criança levantar enquanto a gente está dando conselho. Quando levanta é asywytigngã [falta de educação]. Tem que ficar sentado. Assim que ele conhece. Se a gente não ensinar desde pequeno a criança não vai conhecer e vai pensar que não é nada. Assim que é educação [português] pra nós. Quando o pessoal mandar fazer as coisas não é pra ficar com preguiça,tem que fazer o pedido das pessoas. Se pedir pra buscar lenha, respeita a irmã, o pessoal mais velho. Não é pra responder quando o pessoal mais velho falar de você. Assim eu falo pro meu filho desde pequeno por isso o meu filho me respeita. Assim que antigamente falavam pra gente: respeita irmã, o mais velho...Tem um menino que fica safado e vai embora pra cidade. Vai embora de teimoso porque não obedece a palavra do pai, porque não dá conselho desde pequeno. Ai vai embora. Por isso tem que dar conselho. Desde pequena tem que passar remédio tradicional na criança. A gente não faz mais isso daí. A gente não faz mais isso não. Por isso a gente é tudo mole. Tem que passar remédio tradicional pra ficar forte. Antigamente a gente não comia tamanduá porque deixa a gente ficar preguiçoso. Antigamente é a gente que dá conselho pro filho da gente, não é outra pessoa não. Antigamente a gente não podia ter raiva do irmão da gente, nem abraçar, segurar a mão do irmão porque branco matava. Irmã com irmão. Não pode bater no

irmão da gente. Agora eu vou falar da menina. A irmã que fazia a comida pro irmão. Fazia comida e dava comida pro irmão. Quando o irmão dela fazia roçado, ela buscava comida no roçado. Tirava macaxeira. Quando a comida estava pronta, entregava para o irmão comer. Assim que é respeito [horam...]. A mesma coisa o irmão. Quando mata a caça, não esquece da irmã. Toda vez que mata a caça, dá um pedaço pra irmã. Assim que e nossa yjki [ cultura]. Assim que a gente vivia antigamente. Isso que não tem mais hoje. Não existe mais. Assim também o pessoal mais velho que como eu, como meu irmão, os meninos mais novo respeitam. Antigamente na frente dessas pessoas o mais novo não podia falar besteira, tinha que ter respeito. Entre eles, os meninos, podem brincar, conversar... Eles, os homens mais velhos, conversam entre eles. A nossa brincadeira antigamente era como palha, faz .... Os meninos faziam macaco, amarrar palha, faz rabo, cabeça, fazia passarinho, porco.... Depois que fazia como uma casa, colocava em cima da árvore pra flechar. Faziam flecha de palha, flecha de...

Edelaine: E a brincadeira da menina é a mesma coisa?

Tio: A menina fazia brincadeira de assar macaxeira, fazer pamonha. Eles pegam madeira como pilão pra pisar milho. Em cima dessa madeira fazia pamonha. Os meninos iam pro mato matar peixe. Ai quando eles chegarem tinha comida pra eles comerem. [Faziam pamonha de verdade pra comer] A mãe da gente fazia paneiro pra gente brincar. E o pai fazia a colher de pau pra socar, pra brincar...Fazer chicha. A mãe fazia rede pra gente brincar.

Edelaine: As crianças brincavam junto

Tio: Sim, a gente brincava todo mundo junto tempo. Antigamente era nu. Não tinha roupa antigamente. A gente não usava. Pra gente era normal. Não ficava olhando no outro não. Nós não pensavamos assim em namorar. Antigamente não era assim por isso que brincavam todos juntos.

Edelaine: Quando o menino ficar safado o que a gente faz?

Tio: Dá conselho, conversa com ele. Se ele ficar safado passa osiip nele.

Edelaine: O que é osiip?

Tio: Osiip é abelha, marimbondo. É tipo sojoty [cipó]. Osiip que faz ser homem. Esse ai que dá respeito pra ele. Ai ele vira homem. O marimbondo é tipo soldado e não pode correr. A gente pega o negocio da abelha e coloca perto do peito. Se desmaiar, fica lá mesmo. Caído lá. Não pode correr. Quem fugir vai fazer de novo na próxima vez. Esse osiip que faz a gente ficar forte, ficar duro. Virar homem.

Edelaine: E o castigo das meninas?

Tio: Mulher a gente que dá conselho pra mulher. Fazer comida, fazer comida pro irmão delas. Falar sobre irmão dela. Respeitar o irmão dela. Quando a gente vir o irmão da gente não pode falar. Tem que falar 'Irmão'. Não pode chamar pelo nome. Assim que é o respeito. Hoje não chama mais irmão, chama pelo nome. A gente pode ver o irmão da gente fazer coisas erradas: namorar a mulher lá. A gente não pode falar dele. Isso é respeito. A gente tem que ficar com vergonha do irmão da gente.

Edelaine: Onde fazia as coisas? Tinha casa?

Tio: Tinha pra casa pros homens pra fazer coisas dele. La onde faz, deixa as coisas que faz lá como arco, flecha, cocar, colar...Deixa tudo lá. Assim as mulheres também.



Edelaine: È a mesma casa as mulheres trabalham?

Tio: A mulher trabalha na casa delas. A mulher trabalha à noite. Faz algodão à noite, fica trabalhando à noite. Ela faz o marido dela trabalhar. Faz pro irmão dela. A mulher faz algodão grosso pro irmão. Tem que dar dois. Algodão fino é homem, algodão grosso é mulher. Faz maceta.[Faz um rolo de algodão grosso, um rolo de algodão fino. É o mesmo algodão mas tem como fazer grosso e fazer fino] Ai o irmão dela mata a caça pra ela. Depois do irmão fazer tudo, ele vai caçar e matar caça pra irmã dele. Mata quatro caças e já termina a troca pelo algodão, como mutum...Se for porco, acaba com duas. Quando o irmão dá as coisas pra gente não é de graça. A gente dá as coisas pra ela, devolve as coisas que a gente dá. Se eu dou as coisas pra ela, ela faz coisas pra mim. Quando ela faz as coisas pra mim, eu mato a caça pra ela. Assim que é o respeito na educação da gente.

Edelaine: Até quando a gente chama òwã

Tio: òwã é criança até quando está grandinho, quando a gente fala criança crescendo. Até quando tá casando pra nós é criança. Até casado. Antigamente a gente casava sobrinha da gente. Não é qualquer tio não. É só parte materna. Irmão da mãe. Desde pequeno a criança já tem noivo. Cresce sabendo. Assim que era antigamente. A gente não pode dar o nosso filho pra outra pessoa. Quando a gente dá a filha pra outra pessoa, o irmão da gente ficava com raiva da gente. O homem que não tinha sobrinha não casava, mas o tio da gente não deixava casar com outra pessoa. Só aqueles que tinham sobrinhas é que casavam.

Edelaine: Como surgiu o pajé?

Tio: Foi agora que surgiu pajé. Antigamente a gente vivia como Deus deixou pra gente. Com o gopatoma [remédio tradicional], festa tradicional...Agora surgiu o pajé. A gente se perdeu do que o Deus deixou pra gente. Quando começou pajé ele que começou a fazer festa diferente. Começou a fazer festa dele com baleio, deixando tudo em fila e cantando ao redor do balaio. Festa de Deus não era assim. Assim que mudou a festa. Ai nós deixamos. O primeiro pajé era Pyodit. Quando surgiu o pajé a gente comia Pama [fruta vermelha]. Comia dois tipos de pama. Depois que surgiu o Pajé a gente come tudo. Deus disse que a gente não podia comer Pama Pintada [vermelha e branca]. Depois o pajé disse que podia comer então a gente comeu. Não comia Pama. Só comia Pama grossa. Deus falou que Pama fazia goerej [morrer cedo]. Não era pra comer. Era por causa do pajé que a gente deixou tudo que Deus deixou pra gente. Por isso a gente fazia festa de Pama, festa com balaio em fila. Deus não fazia assim. Não deixava cantar em círculo. O pajé inventou essas coisas. Cada coisa que fazia cantava iomot [circulando].

Edelaine: O que é sypo tagngã?

Tio: Curandeira(português). Quando nós deixamos as coisas de Deus, ai nos confiamos nele. Quando a criança ficava doente a gente ia lá pra rezar. Ele falava com espírito e rezava a criança. Tinha pajé bom e pajé ruim. Tinha pajé que curava as pessoas e fazia viver. A gente levava criança doente. Pajé ruim matava o filho da gente. Em vez de curar, matava e a gente pensando que tava curando. Assim que surgiu muito pajé. Passando uns pra outros. Antes vivia só morrendo porque pajé matava. Agora a gente está bem. Primeiro pajé era Pyodit. O branco matou muito o índio. A mulher do Pyodit sumiu ai ele pensou: 'Mataram minha mulher. Vou procurar o corpo da minha mulher.' O branco matou 10 mil índios. Procurou e o corpo da mulher não apareceu. Antes do

branco matar o índio, o índio tinha matado um branco e por isso os brancos mataram os índios. Ai eles pegaram uma india. Ai ele foi procurar. Ele foi andando, andando. Ai ele viu os brancos. A mulher dele estava amarrada no meio dos brancos. Os brancos queriam matar ele. A mulher gritou. Amarraram os dois. A mulher foi lá com o marido dela. O branco amarrou ele. Ele ficou muitos anos lá. Aprendeu a falar o português. Assim que surgiu o primeiro pajé. O espírito levou ele lá no meio do pessoal indígena de novo. O pessoal pensou que ele estava morto. O pessoal disse: 'Pensei que estava morto.' Ele respondeu: 'Não eu estou no meio dos brancos. O espírito me trouxe. O branco me levou.' Ai que a gente perdeu o que o Deus deixou pra gente. Ai nos confiamos na palavra dele que ele contava as coisas e assim surgiu o pajé. Assim minha mãe falou pra mim. A minha mãe que ensinou pra mim e eu sei. Assim eu faço a sikna [educação] dos meus filhos.

Edelaine: Como acha a educação agora?

Tio: Antigamente não fazia assim. Educação que a gente não fazia assim. Fazia paneiro. Não escrevia no quadro. Fazia cestinho de brincadeira, flecha de brincar. Assim que a gente aprende antigamente. Só na prática, brincando. Mulher faz o paneirinho, cestinho. O irmão dava brinquedo pra elas. Fazia colher de pau pequena pra elas.

### **Entrevista com Waldemar Karitiana (Tio)**

Edelaine: Eu estou fazendo uma pesquisa sobre educação antigamente. Como era a educação antigamente?

Tio: Respeitar os outros, não ficar brigando, não fazer intriga, ficar direito com os outros. Os que respeitam os outros não ficam brigando com outros não, como eu vivia com meu irmão. Não fica com intriga com os outros, com o mais velho. Não fazendo mal pros outros. Assim que eu vivia com o meu irmão. Quando a pessoa falava errado, tem que dar o conselho pro irmão da gente. Se ele fica com raiva do outro, um da conselho pro outro. Não pode fazer isso... Assim que é o mais velho. Assim que fiz com meu irmão. Meu pai falava pra gente: 'Você tem que viver bem com seu irmão.' Eu falava pro meu irmão. Assim tem que viver com os outros. Conversando e dando conselho pro outro. Assim que é educação, respeitando os outros.

Edelaine: Assim a gente também fala com criança, tio

Tio: A gente que dá conselho pra criança pra não estar brigando com os outros. Assim você vão dar aula pras crianças. Crianças não esta estudando para ficar safado não, é pra respeitar os outros, pra nos defender. Assim a criança vai respeitar a gente. Não existia a escola antigamente. A gente ensinava a criança, dava conselho pra criança em casa. Agora tem como explicar dentro da escola. Vocês tem que dar o conselho pra criança na escola e ai a criança vai aprendendo. Não adianta só dar aula não. Tem que dar o conselho pra criança respeitar os outros. Vocês vão explicar pras crianças. Crianças vão aprender o conselho de vocês. Se não as crianças vão ficar safadas. Tem que perguntar pras crianças o que vocês querem. Assim a criança vai aprender. Vai pegar o conselho de vocês. Vocês não tão ensinando criança. Não é só dar aula não. Tem que falar pra criança respeitar o pessoal mais velho. Ai as crianças vão entender, ouvir (atykiri na pypynaj õwã) o que vocês falam. Assim a gente fazia antigamente.

Edelaine: Criança tem castigo tio?

Tio: Tem. Quando a criança é muito respondona ai tem que bater na criança. Antigamente era assim, mas eu nunca fiz isso. Eu só dava conselho. Só pelo conselho eu explicava pros meus filhos, mas tem criança que é muito respondona. È assim antigamente.

Edelaine: A gente faz castigo pra menina?

Tio: A gente dá conselho pra menina também. Antigamente não era assim. Se eles não recebem conselho eles são assim agora: pensam em homem, pensam em mulher, pensam em namorar. Pensam assim se a gente não dá conselho. Antigamente a gente não chegava com a mulher. A gente chegava pro noiva da gente. Por isso que a gente casava. Só depois de casado tem que mexer com a mulher. Não mexia mulher antigamente não. Antigamente a gente casava virgem. Todo mundo antigamente. Agora a gente não esta casando virgem porque namora escondido. Só com o noivo da gente pode mexer. Não pode mexer sem prometer não. Só depois de casar. A gente não pode mexer em mulher longe. Só quando está casado. Só mexi quando casei. Assim eu fiz minha mulher. Por isso a gente não casa mais virgem agora. Não é mais assim não. Hoje a mulher é de qualquer jeito. Não sabe com quem tira virgindade. Não sabe quem tira virgindade dela. Você não vai deixar tua filha ficar assim não.

Edelaine: Quem dá conselho? Pai ou a mãe?

Tio: Pai, mãe, avô paterno e materno dão conselho pra gente sobre respeitar o avó, o tio. A gente que dá conselho pro filho da gente, não é outra pessoa que dá conselho não. Assim que a gente fica com vergonha do pessoal mais velho. Se a gente não ficar com vergonha do pessoal mais velho não é certo não. Tem que ficar com vergonha.

Edelaine: O conselho do menino é o mesmo que o conselho da menina?

Tio: O conselho para o menino fala pra ele não chegar com a mulher, trabalhar, caçar. Se chegar com a mulher, se não obedecer vai passar o osiip. Assim que era antigamente. Depois que passar osiip tem que casar. A gente não casa antes de passar. Depois que mata a caça ai tem que casar. Antigamente não tinha roupa, não tinha nada. Caçar era o nosso trabalho. Por isso hoje precisa estudar e depois casar. Se não tem emprego, não tem nada. Se a gente não aprender as coisas, a gente não sabe fazer as coisas pra mulher da gente. O que a gente vai fazer.?Antigamente não dava a menina só dando não. Tem que ver se o homem sabe fazer coisas. Antigamente a gente conversava com o homem pra prometer a filha da gente. Conserva antes com ele: 'Você vai casar com minha filha...' Ai a gente cuida a criança que vai casar com ele. Ai não tem conversa. Ai fica preparado só pra ele. Ai se namorar escondido ai que tem problema. Dá conselho pra filha da gente: 'Você vai casar. Agora você vai cuidar do teu marido. Tem que cuidar dele. Não pode ficar com ciúme.' Ciumento não presta não. A mesma coisa o homem também: 'Agora você vai cuidar da sua mulher, dá caça pra ela...'A mesma coisa. Assim que tem que respeitar o teu marido. A mulher safada não presta não. O homem tem que respeitar a mulher dele. O pai tem que dar conselho pro filho e pra filha. Antigamente dava conselho pra respeitar o marido.

Edelaine: O pai que ensina a fazer as coisas pro menino?

Tio: O pai que ensina a fazer as coisas. Fazer casa. Ele fica olhando o pai fazendo ai vai aprender. Se ficar só a toa não vai aprender não. Tem que ver o pai trabalhando ai vai aprender. Se não olhar não aprende. O tio também ensina. O pessoal que sabe ensina a fazer as coisas.

Edelaine: Tem uma casa pra fazer essas coisas?

Tio: Tem. Tem uma casinha velha pra fazer. La que faz flecha e arco. A gente não faz mais isso. A gente esqueceu nossas coisas. Nos estamos esquecendo.

Edelaine: É a mãe que ensina a menina a fazer as coisas?

Tio: É a mãe que ensina fazer as coisas de mulher, de casa. Fazer comida.

Edelaine: Tio como que surgiu o pajé?

Tio: Antigamente surgiu o pajé, mas isso não é de Deus. A gente não pode misturar as coisas de Deus com pajé. Deus não faz que nem o pajé faz, cantando ao redor. Não pode misturar as coisas do pajé com as coisas de Deus. Deus não rodeia cantando nas festas. Só pajé. Pajé que fez isso daí. Esse daí que quase acabou com a gente porque a gente não faz direito.

Edelaine: Por que a gente não faz direito?

Tio: Por que quando fazia festa tradicional fazia as coisas de Deus. Não pode fazer a pessoa que faz sexo, que menstrua porque cobra pode morder o homem. Depois do pajé ele fazia sexo, por isso a gente estava quase acabando. Quase que a gente acabou. Deus não fazia isso. Até agora não pode fazer sexo quando faz chicha, fazer festa, é perigoso porque a cobra pode morder os homens. Assim que era antigamente.

Edelaine: Como que tu acha a escola agora?

Tio: Eu quero que explique para as crianças dentro da escola. Enquanto estão pequenas tem que dar o conselho pra criança. Depois que crescer não adianta mais. Não pode deixar a criança crescer sem conselho. É só minha mãe que me deu conselho porque não vi o meu pai. Antigamente a pessoa mais velha não dava conselho direito pra gente, dava gritando. Pro isso a gente tinha medo das pessoas mais velhas. Tem as pessoas que viviam bem, a gente tem que pegar os conselhos dessas pessoas. Se pegar as coisas que não presta, faz coisa que não presta. Não pode pegar conselho assim com qualquer pessoa. Não pode pegar o jeito dessas pessoas. Tem que pegar conselho da mãe e do pai. Tem que crescer com conselho da mãe e do pai. Com isso que a gente cresce. Assim também a gente faz com o filho da gente. Com o conselho da mãe eu cresci e passei para os meus filhos. O filho dele vai passar o conselho que eu passei pra ele.

Edelaine: Até quando a gente chama criança de criança

Tio: Enquanto está solteiro é criança. A mesma coisa é homem e mulher. Quando casar não é mais criança. Antigamente não casa pequeno, casa depois que aprender a fazer as coisas. Quando *sota*. Agora a criança é diferente. Não sei como é com filho dos outros. Parece que está com noivo deles. Não sei do filho dos outros não.

Edelaine: Eu vou transcrever essa conversa com você.

Tio: Faz minha sobrinha vai ser bom. Eu vou pensar. Tem muitas informações sobre antigamente.

